



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

GERALDO HENRIQUE OLIVEIRA DA SILVA

*Benigna Entre Nós, Porém, Epidêmica:  
A Influenza Espanhola e Suas Formas de Curar na Cidade da Paraíba  
Através do Jornal *O Norte* (1918)*

João Pessoa

2025

GERALDO HENRIQUE OLIVEIRA DA SILVA

*Benigna Entre Nós, Porém, Epidêmica:*  
**A Influenza Espanhola e Suas Formas de Curar na Cidade da Paraíba**  
**Através do Jornal *O Norte* (1918)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em História, pelo Curso de  
História da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Serioja Rodrigues  
Cordeiro Mariano

João Pessoa

2025

**Catalogação na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação**

S586b Silva, Geraldo Henrique Oliveira da.

"Benigna Entre Nós, Porém, Epidemica": influenza  
hespanhola na cidade da Parahyba e suas formas de curar  
através do jornal O Norte (1918) / Geraldo Henrique  
Oliveira da Silva. - João Pessoa, 2025.

66 f. : il.

Orientadora: Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano.  
TCC (Graduação) - Universidade Federal da  
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
2025.

1. Influenza espanhola. 2. Cidade da Parahyba. 3.  
Jornal O Norte. 4. representações. 5. História da saúde  
e das doenças. I. Mariano, Serioja Rodrigues Cordeiro.  
II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 94(813.3)

GERALDO HENRIQUE OLIVEIRA DA SILVA

*Benigna Entre Nós, Porém, Epidêmica:*  
**A Influenza Espanhola e Suas Formas de Curar na Cidade da Paraíba**  
**Através do Jornal *O Norte* (1918)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em História, pelo Curso de  
História da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 02/10/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Serioja R. C. Mariano

Prof.<sup>a</sup> Dra. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano

UFPB

Ariane

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ariane Norma de Menezes Sá

UFPB

Nayana R. C. Mariano

Prof.<sup>a</sup> Dra. Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano

UFPB

À minha mãe,  
sua força, mesmo nos momentos mais duros, foi  
o alicerce que sustentou a minha caminhada.  
Este trabalho é, antes de tudo, uma conquista  
sua.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança ao longo dessa jornada.

Agradeço, com imensa gratidão, à minha orientadora Prof.<sup>a</sup>. Dra. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano, pela orientação generosa, pelo rigor acadêmico e pela confiança depositada ao longo de todo o processo de construção deste trabalho. Sua escuta atenta e seus ensinamentos foram fundamentais para o amadurecimento desta pesquisa.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Ariane Norma de Menezes Sá e à Prof.<sup>a</sup> Dra. Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano, pela generosidade em aceitar compor a banca avaliadora deste trabalho.

À minha família, que sempre acreditou em mim, especialmente aos meus avós, pilares de amor, sabedoria e inspiração. Obrigado por serem meu porto seguro.

Às minhas amigas Anny e Karol, por estarem ao meu lado no cotidiano, compartilhando os desafios e vitórias dessa trajetória. O companheirismo de vocês foi essencial para que eu não desistisse.

E aos meus alunos, que diariamente me inspiram a acreditar no poder transformador da educação. Vocês renovam minha esperança e reafirmam o propósito do meu caminho.

A todos, o meu mais sincero agradecimento.

## RESUMO

Este trabalho, inserido no campo da História da Saúde e das Doenças, tem como tema a pandemia da *Influenza Espanhola* de 1918 e sua repercussão na cidade da Parahyba, investigada por meio da análise do jornal *O Norte*. O objetivo central é investigar e analisar o impacto da pandemia na capital paraibana, durante o ano de 1918, observando como o periódico noticiou e descreveu a chegada da doença, os primeiros casos registrados, as medidas preventivas adotadas pelas autoridades locais e as reações da comunidade diante do avanço da enfermidade. Além disso, busca-se compreender as informações veiculadas pelo jornal acerca das formas de cura e dos tratamentos recomendados contra a Influenza, incluindo métodos populares, intervenções médicas e remédios manipulados disponíveis na época. O problema que norteia a pesquisa é: de que maneira o jornal *O Norte* representou a pandemia na cidade da Parahyba em 1918 e quais significados podem ser atribuídos a essas representações? Parte-se da hipótese de que o periódico, ao mesmo tempo em que noticiava os efeitos da doença, construiu discursos que minimizavam sua gravidade e exaltavam as ações do governo estadual, alinhando-se a interesses políticos.

**Palavras-Chave:** influenza espanhola; cidade da Parahyba; jornal o norte; representações. história da saúde e das doenças.

## ABSTRACT

This study, situated within the field of the History of Health and Diseases, focuses on the 1918 Spanish Influenza pandemic and its repercussions in the city of Parahyba, investigated through the analysis of the newspaper *O Norte*. The main objective is to investigate and analyze the impact of the pandemic on the capital of Paraíba during the year of 1918, observing how the newspaper reported and described the arrival of the disease, the first recorded cases, the preventive measures adopted by local authorities, and the community's reactions to the advancement of the illness. Furthermore, it seeks to understand the information disseminated by the newspaper regarding forms of cure and recommended treatments against the Influenza, including popular methods, medical interventions, and compounded remedies available at the time. The research question guiding this study is: in what ways did the newspaper *O Norte* represent the pandemic in the city of Parahyba in 1918, and what meanings can be attributed to these representations? The starting hypothesis is that the newspaper, while reporting the effects of the disease, simultaneously constructed discourses that minimized its severity and praised the actions of the state government, aligning itself with political interests.

**Key Words:** spanish flu; city of Parahyba; *o Norte* newspaper; representations; history of health;

## **Lista de Imagens**

Imagen 1 – A chegada da <i>Influenza Hespanhola</i> na Cidade da Parahyba.....	26
Imagen 2 – Propaganda da Nestlé.....	48
Imagen 3 – Propaganda da ação da Pharmácia Rabello em 1918.....	56

## **Lista de Quadros**

Quadro I – Contabilização de óbitos segundo o Dr. Silvino Nóbrega.....	39
Quadro II – Médicos e farmacêuticos que atendiam os indigentes na Cidade da Parahyba (outubro de 1918) .....	58

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. QUANDO A GRIPE ATRAVESSOU O ATLÂNTICO: A PANDEMIA DE 1918 NO BRASIL .....</b>	<b>13</b>
<b>3. VÍRUS, MANCHETES E MORTES: A GRIPE ESPANHOLA NO O NORTE NOS MESES FINAIS DE 1918 .....</b>	<b>21</b>
3.1 JORNAIS COMO FONTE E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	21
3.2 OUTUBRO DE 1918: OS PRIMEIROS ECOS DA GRIPE ESPANHOLA NAS PÁGINAS DE O NORTE .....	23
3.3 NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1918: A ESCALADA DA GRIPE NAS PÁGINAS DE O NORTE .....	33
<b>4. PUBLICAÇÕES QUE CURAM: AS PRÁTICAS DE CURA E REMÉDIOS NO COMBATE À INFLUENZA HESPAÑOLA NO JORNAL O NORTE .....</b>	<b>42</b>
4.1 A BUSCA POR UMA CURA.....	42
4.2 RECEITAS, REMÉDIOS CASEIROS E OUTROS TRATAMENTOS MÉDICOS .....	43
4.3 FARMÁCIAS: ENTRE ASSISTÊNCIA E ESTRATÉGIAS COMERCIAIS ....	52
4.4 O PODER DA CURA (OU DA PROPAGANDA?): A CORRIDA POR UMA SOLUÇÃO .....	58
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>64</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O século XX, caracterizado como um período de transformações profundas, testemunhou avanços científicos, mudanças sociais e crises sanitárias de grande impacto. Dentre esses eventos, a pandemia de Influenza Espanhola (1918-1920) se destaca como um dos episódios mais dramáticos da história moderna, afetando milhões de pessoas em todo o mundo. No Brasil, os meses de outubro, novembro e dezembro de 1918 foram particularmente críticos, marcados por uma taxa de mortalidade alarmante e por uma crise sanitária sem precedentes.

É dentro desse recorte temporal que se insere o presente estudo, visando explorar as repercussões da pandemia na cidade da Parahyba<sup>1</sup>, através das narrativas e representações contidas no jornal *O Norte*. A escolha do ano de 1918 e, especificamente, dos meses de outubro, novembro e dezembro se justifica pela intensidade e gravidade do impacto da Gripe Espanhola<sup>2</sup> nesse período. Esses meses registraram um aumento exponencial de casos e óbitos, gerando um clima de pânico e medidas emergenciais na tentativa de conter a disseminação do vírus. O estudo desse recorte oferece uma visão concentrada dos momentos mais críticos da pandemia, permitindo uma análise de como o jornal noticiou as respostas das autoridades locais e as estratégias de cura adotadas pela população.

O jornal *O Norte* foi selecionado como fonte principal deste estudo por diversos motivos. Primeiramente, pela abundância de material disponível para pesquisa, o que facilitou a obtenção de informações relevantes sobre os eventos e percepções da época. Em segundo, a facilidade de acesso, já que grande parte do acervo do jornal está disponível online na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. *O Norte*<sup>3</sup> foi um dos jornais de maior circulação na cidade da Parahyba durante o período em questão, desempenhando um papel crucial na disseminação de informações.

Nossa trajetória acadêmica e o despertar do interesse pela História da Saúde e das Doenças estão ligados a uma experiência pandêmica vivida, a Covid-19. Iniciei o curso de História em meio a uma crise sanitária global, e uma matéria jornalística do G1, publicada em agosto de 2020 em conjunto com o Prof. Dr. Azemar Soares Junior, chamou minha atenção para o famoso ditado “A História se repete”. Esse artigo discutia as semelhanças entre a

---

<sup>1</sup> A cidade da Parahyba, atualmente João Pessoa, mudou de nome em 1930, em homenagem ao então presidente do Estado, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, assassinado naquele ano.

<sup>2</sup> A Influenza Hespanhola possui diversos nomes, entre eles, o mais difundido, Gripe Espanhola.

<sup>3</sup> Segundo as pesquisas que fizemos, os jornais que mais circulavam na cidade da Parahyba no ano de 1918 eram: *O Norte*, *A União* e *A Imprensa*.

pandemia de Covid-19 e a Gripe Espanhola de 1918, instigando minha curiosidade sobre epidemias e pandemias.

Ademais, nosso interesse foi ainda mais aprofundado pelas aulas ministradas pela professora Serioja Mariano, na disciplina História Antiga I, onde exploramos as doenças e práticas de cura do Antigo Egito. Essas experiências acadêmicas alimentaram meus interesses sobre a evolução das doenças e suas abordagens ao longo do tempo.

Dilene Nascimento (2005) aponta como a doença tem sido historicamente problematizada no campo da história. Nascimento ressalta que a doença deve ser vista como uma construção social, influenciada por elementos científicos, sociais e políticos de cada época e grupo social. Diferentes doenças dominam diferentes períodos históricos, e essas patologias refletem e afetam as estruturas e mudanças sociais. O artigo menciona que a doença é um elemento de desorganização e reorganização social, servindo como um ponto de observação para a significação dos mecanismos administrativos, práticas religiosas, relações de poder e autoimagem das sociedades.

Além disso, complementando essa perspectiva, Tânia De Luca (2005), em “História dos, nos e por meio dos periódicos”, destaca a importância dos periódicos na produção de conhecimento histórico. A imprensa periódica passou a ser considerada uma fonte vital para a pesquisa histórica, especialmente nas décadas finais do século XX.

De Luca (2005) argumenta que os periódicos não são meros espelhos da realidade, mas representam e intervêm na vida social, política e cultural de uma sociedade. Esse reconhecimento levou ao desenvolvimento de novas metodologias de análise, permitindo uma compreensão mais rica e diversificada dos contextos históricos.

Para refletir a História da Saúde e das Doenças, especialmente as representações das doenças nos jornais, é essencial considerar as particularidades socioculturais e contextos de cada período. Este presente trabalho busca atingir seu objetivo geral e específicos através da utilização do vasto acervo documental disponível nos arquivos online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. As edições do jornal *O Norte* de 1918 foram sistematicamente analisadas para identificar exemplares relevantes com conteúdo relacionado à Influenza Espanhola.

As técnicas de análise empregadas incluíram a análise de narrativas, conteúdo e representações presentes nos textos jornalísticos. Estas abordagens permitem compreender o impacto da pandemia em seu ano inicial na cidade da Parahyba, oferecendo uma perspectiva contextualizada através das lentes do *O Norte*.

Sandra Pensavento (2003), no livro *História & História Cultural* argumenta que as representações são operações mentais e históricas que criam sentidos ao mundo, sendo essenciais para a construção de identidades. As representações, expressas nos discursos, assumem múltiplas configurações e estabelecem relações de poder, sendo naturalizadas como verdades dominantes.

A História Cultural, portanto, busca entender as significações das práticas cotidianas de uma época, acessando essas representações através dos documentos e fontes. Essas perspectivas serão fundamentais para analisar as representações da Gripe Espanhola no *O Norte*. Vale ressaltar que a escolha desse periódico se deu pela recorrência com que o tema aparece.

Dado o exposto, nosso trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos o contexto do período, o surgimento da Influenza Espanhola e sua chegada ao Brasil. No segundo capítulo, analisaremos como o jornal *O Norte* noticiou a chegada da doença e seu desenrolar na cidade da Paraíba em 1918. Por fim, no terceiro capítulo, investigaremos as informações divulgadas pelo *O Norte* sobre as formas de cura e os tratamentos recomendados para a gripe, incluindo métodos populares, intervenções médicas e farmacêuticas, ao longo do ano de 1918.

## 2. QUANDO A GRIPE ATRAVESSOU O ATLÂNTICO: A PANDEMIA DE 1918 NO BRASIL

[...] a morte nunca se mostrava como naquele momento, em meados de setembro de 1918. Filas e mais filas de homens o confrontaram na enfermaria do hospital, muitos ensanguentados e morrendo de uma maneira nova e terrível. (Barry, 2020, p. 9)

No início do século XX, uma nova e assustadora ameaça emergiu, lançando uma sensação de temor sobre a sociedade: o surgimento de um inimigo invisível. Não se tratava de uma nova nação adentrando no cenário bélico, muito menos uma inovação tecnológica, mas sim de uma doença. Esse inimigo que causou um aumento exponencial no número de óbitos, afetou de maneira global as sociedades e exércitos já exauridos pela guerra, era um tipo de gripe, que começou a se propagar em 1918.

A Primeira Guerra Mundial, deflagrada em 1914 e encerrada no final de 1918, constituiu-se como um conflito bélico global de grande escala, que teve seu epicentro na Europa e envolveu as principais potências mundiais da época. Ao longo de sua duração, o conflito mobilizou milhões de militares e resultou em um saldo aproximado entre 15 e 20 milhões de mortes<sup>4</sup>, se legitimando como um dos eventos mais devastadores do século XX.

Normalmente, referida como a “Grande Guerra” ou a “Guerra das Guerras”, a Primeira Guerra Mundial é amplamente considerada um dos conflitos mais letais da história. A dimensão e brutalidade do conflito provocaram profundas transformações políticas e sociais em escala global, afetando drasticamente a vida cotidiana. A guerra se destaca pelo avanço da modernidade, principalmente devido à introdução de novos armamentos e pela intensidade das batalhas durante os quatro anos de combate.

A pandemia de gripe que explodiu em 1918, conhecida como gripe espanhola, foi a primeira de duas crises pandêmicas atribuídas ao vírus *Influenza A*, subtipo H1N1, sendo a mais extensa e mortal de ambas<sup>5</sup>. O termo *gripe* tem origem na palavra francesa *grippe*, que significa “parar de funcionar”, uma referência exata ao que ocorria durante seus surtos. Uma pessoa que

---

<sup>4</sup> Os estudos sobre o número de mortes ocorridas durante a Primeira Guerra Mundial apresentam significativa incerteza, uma vez que as estimativas variam consideravelmente entre as diferentes pesquisas. O contexto específico da guerra, caracterizado pela destruição em massa e pela dispersão das frentes de combate, tornou extremamente desafiador a elaboração de listas precisas das vítimas. No entanto, estudos mais recentes indicam que o número de mortes ocasionadas pelo conflito situa-se entre 15 e 20 milhões (Prost, 2014).

<sup>5</sup> A pandemia de 2009 vai ser mais branda, mesmo matando cerca de 575 mil pessoas no mundo todo, não bateu os números de infectados e mortes da Gripe Espanhola (Barry, 2020, p. 505).

apresentasse saúde em um dia poderia, no dia seguinte, ser acometida por uma série de sintomas, como: calafrios, febre alta, dores no corpo e na cabeça, além de tosse intensa. Apesar de o inimigo fosse invisível, seu impacto social e humano se manifestava de forma preocupante e tangível, agravando ainda mais os efeitos da guerra.

A primeira pandemia causada pelo vírus *Influenza A*, ocorrida entre 1918 e 1920, se configurou não apenas como um evento epidemiológicos de vastas proporções, mas também como um fenômeno social e histórico de enorme relevância. Estudar sua história e seus impactos vai além da simples análise de uma crise de saúde pública, pois acarreta uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais e das representações culturais da época. A historiografia da saúde das doenças evidencia que as enfermidades deixaram de serem vistas como uma ideia abstrata, passando a ser compreendida como uma parte inerente dos processos sociais. Dilene Nascimento & Diana Carvalho (2016, p. 23), apontam que para Le Goff (1985):

[...] a doença pertence à história porque não é mais do que uma ideia, certo abstrato numa complexa realidade empírica, o que logo pertence não só à história superficial dos processos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades.

Dessa maneira, a gripe espanhola, transcende a dimensão epidemiológica ao interferir diretamente nas dinâmicas sociais e nas relações de poder, relevando o impacto das doenças nas representações culturais e nas práticas cotidianas.

Um dos aspectos mais intrigantes dessa pandemia é o fato de que, até hoje, não se sabe ao certo onde a cepa mais agressiva do vírus *Influenza A* surgiu e se disseminou. Diversas teses foram formadas para explicar sua origem, mas nenhuma foi definitivamente comprovada. Entre as teorias/teses mais aceitas – apesar de ainda controversas – se destacam três principais: a primeira propõe que o vírus teria surgido na França, no final de 1917, em uma área de armazenagem utilizada por britânicos, onde mantimentos, aves e porcos eram estocados (Oxford, 2005), a segunda tese defende que o vírus teria se originado no estado do Kansas, nos Estados Unidos, no início de 1918 (Crosby, 2003) (Barry, 2004). Por fim, uma terceira tese indica para uma origem mais moderada na China, com a posterior mutação e disseminação em territórios como Espanha, França e Estados Unidos (Cheng, 2007).

A busca pela origem do vírus é um exemplo de como as explicações biológicas e epidemiológicas interagem com o ambiente social e cultural em que a pandemia se desenrolou. Independentemente de sua origem, um aspecto ficou evidente desde o início: a doença se espalhava de maneira avassaladora, sendo extremamente contagiosa e letal. A alta taxa de

contágio se devia ao fato de que uma pessoa infectada poderia alastrar milhares de partículas virais ao tossir ou espirrar, colaborando para uma rápida propagação do vírus entre a população. Esse dado epidemiológico destaca o caráter brutal da pandemia e reforça a importância de seu estudo.

No contexto da Primeira Guerra Mundial, tudo foi acelerado, a transmissão, as mutações e o aumento da letalidade. À medida que os soldados retornavam para seus países e cidades de origem, ou se engajavam em novos conflitos, as sociedades, já fragilizadas pelas péssimas condições de saúde e insalubridade, tonaram-se suscetíveis a doenças e suas complicações. A situação global se agravou em um cenário onde as estruturas de saúde eram incapazes de lidar com o surto de uma doença desconhecida.

O vírus conseguiu se disseminar rapidamente ao redor do mundo não apenas devido às movimentações geradas pela guerra, mas também em virtude do aumento significativo nas viagens proporcionado pelos sistemas modernos de transportes da época. Com o aparecimento desses novos meios de locomoção, que transportavam desde soldados até passageiros civis para diversas partes do globo, se criou um ambiente propício para uma rápida propagação da doença, transformando a gripe em uma pandemia global de proporções ainda inéditas.

De acordo com Barry (2020, p. 14), a pandemia de gripe (1918 – 1920) “matou mais pessoas em um ano do que a peste bubônica da Idade Média em um século, e matou mais pessoas em 24 semanas do que a AIDS em 24 anos”, ou seja, a pandemia tinha característica de magnitude devastadora. A doença expôs as limitações do conhecimento científico e a capacidade e reposta da medicina à época, logo, a gripe espanhola representou o primeiro grande confronto entre a natureza e a ciência moderna, e suas consequências moldaram o século XX.

A pandemia de gripe intrigou a comunidade médica e se tornou um desafio significativo, dado que o conhecimento sobre o vírus era bastante limitado na época.

Entre a pandemia de 1918 e a explosão da aids, essas percepções deslocaram-se da esperança incondicional a capacidade da medicina em descobrir e controlar os fatores desencadeadores das doenças à consciência da sua falibilidade. (Silveira; Nascimento, 2018. p. 287)

De início, havia uma crença generalizada na capacidade extraordinária da ciência médica para lidar com doenças e epidemias, acreditando-se que a medicina poderia descobrir e controlar quaisquer enfermidades e suas causas. No entanto, essa visão otimista foi gradativamente substituída pela percepção das limitações da medicina e pela conscientização da imperfeição humana frente a desafios cada vez mais complexos. O processo médio, embora

vultoso, mostrou-se incapaz de lidar completamente com a complexidade de certas crises de saúde pública, como a própria pandemia de 1918.

Por conseguinte, o século XX foi marcado por altos e baixos no campo da saúde pública e de ciências médicas. Iniciou-se com uma esperança na capacidade da medicina moderna, que decaiu a se deparar com a conscientização das limitações dessa mesma ciência diante de pandemias e epidemias devastadoras. Assim como apontado por Silveira & Nascimento (2018), esse período foi fundamental para a evolução da saúde pública, consolidando tanto os avanços como a compreensão das barreiras inerentes à ciência no enfrentamento de desafios globais de saúde.

*Peste pneumônica, gripe pneumônica, la dansarina, tanatomorbia, peste griposa*, ou simplesmente *gripe*, são diversas formas de denominar a pandemia de 1918. No entanto, nenhuma denominação foi tão difundida quanto *Gripe Espanhola* ou *Influenza Hespanhola*. Por que a pandemia recebeu esse nome tão peculiar? A resposta está relacionada ao contexto da Primeira Guerra Mundial e ao papel da imprensa durante esse período. (Schwarcz; Starling, 2020, p. 18)

No cenário geopolítico da Primeira Guerra, a Espanha se manteve neutra, o que permitiu que sua imprensa reportasse os acontecimentos de maneira mais livre, sem censura. Em contraste, as nações envolvidas no conflito censuravam a divulgação de notícias que pudesse afetar a moral da nação, comprometendo o esforço da guerra, como por exemplo, a propagação de uma nova e avassaladora doença.

Nessa conjuntura, a imprensa espanhola, sem restrições, relatou amplamente os efeitos catastróficos de uma misteriosa doença que acometia o país. A Espanha enfrentou um dos piores cenários da pandemia, e ainda que as autoridades de início se referissem à doença simplesmente como *gripe*, o terror já tinha se popularizado, sendo assim, quando a doença se espalhou para outros países, ela foi amplamente conhecida e divulgada como *gripe espanhola* (Schwarcz; Starling, 2020, p. 26).

Pandemias são epidemias descontroladas com ampla disseminação mundial. Em 1918, a gripe espanhola carregou duas ondas de contágio. A primeira onde foi registrada entre janeiro e abril de 1918, após a qual o número de casos diminuiu consideravelmente. Schwarcz & Starling (2020) apontam que o alívio causado pela diminuição dos casos, foi temporário, visto que as populações dos primeiros países atingidos retomaram suas vidas, acreditando que o vírus havia desaparecido. Porém, o vírus retornou com ainda mais força, surpreendendo e devastando novamente as populações durante a segunda onda.

Barry (2020) destaca que, em pandemias, as segundas ondas tendem a ser mais letais e destrutivas do que as primeiras. Entre agosto e setembro de 1918, a gripe voltou a explodir na Europa, e atingindo os Estados Unidos com mais intensidade. Nessa segunda onda, nenhum continente escapou, todos foram impactados, incluindo regiões remotas e isoladas, com poucas áreas escapando dos efeitos da doença.

Os sintomas da *influenza hespanhola* tornaram-se mais severos conforme a pandemia avançava. Além dos sintomas iniciais, como febre, dores no corpo e cabeça, os infectados apresentavam sangramentos pelos narizes, ouvidos e olhos. Schwarcz & Starling (2020) evidenciam que nessa segunda onda, o delírio tornou-se outro sintoma comum, intensificando o desespero entre as vítimas, causando um cenário de absoluta angústia, principalmente, que na época, médicos e especialistas divulgavam que em média, ao menos, duas pessoas de cada família sucumbiriam a doença. A malignidade da gripe espanhola, especialmente em sua segunda onda, deixou uma marca acentuada na história da saúde, destacando a vulnerabilidade humana diante de crises sanitárias globais.

Tendo em vista o cenário da segunda onda da gripe espanhola, o Brasil foi afetado pela pandemia. Embora ainda não se saiba ao certo onde a *Influenza Hespanhola* se manifestou pela primeira vez em território brasileiro, é possível considerar um padrão de disseminação: a doença atingia de início as regiões litorâneas, espalhando-se gradualmente para o interior do país. Estudos recentes sugerem que o porto de entrada mais provável foi o de Recife, no estado de Pernambuco.<sup>6</sup>

Em 9 de setembro de 1918, pela manhã, atracou no Recife o transatlântico *Demerara*. Realizando a rota Liverpool-Buenos Aires com escalas em algumas cidades brasileiras, a bordo, se encontravam desde passageiros comuns até cargas postais. Apesar de não se saber exatamente onde a infecção embarcou no navio, é certo que o navio já estava contaminado antes de sua chegada ao Brasil, possivelmente desde a sua partida de Liverpool ou durante sua escala em Lisboa.

O *Demerara* fez escalas em outras cidades brasileiras além do Recife, como Salvador, Rio de Janeiro e Santos. Durante a travessia até Recife, foram registradas cinco mortes a bordo, inicialmente atribuídas a “doenças comuns”. Em Salvador, alguns passageiros desembarcaram

---

<sup>6</sup> Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2020) no Livro *A Bailarina da Morte: A Gripe Espanhola no Brasil*, apontam que o provável porto de chegada da doença foi o de Recife, onde atracavam as embarcações que vinham da África e Europa.

doentes, embora sem aparentar gravidade. Contudo, ao chegar no Rio de Janeiro, o navio reportou “doença a bordo”<sup>7</sup>, o que chamou a atenção das autoridades sanitárias locais<sup>8</sup>.

No Rio de Janeiro, alguns passageiros desembarcaram em estado grave e foram internados, sendo diagnosticados com *broncopneumonia gripal*. Apesar da gravidade da situação, as autoridades não julgaram necessário interditar o navio, permitindo que ele seguisse sua viagem.<sup>9</sup> O médico de bordo do *Demerara*, em seus relatórios não relatava a presença da influenza entre os enfermos do navio, mencionando apenas “doenças comuns”, doenças cardíacas ou *broncopneumonia*.

Em todas as escamas do transatlântico no Brasil, houve relatos de óbitos e adoecimentos entre os passageiros e tripulantes, mas as autoridades locais minimizaram os acontecimentos, alegando que tudo estava sob controle. Essa postura, no entanto, apenas prolongou o reconhecimento da gravidade da situação, mantendo uma narrativa que logo se mostraria insustentável.

A passagem do *Demerara* pelos portos brasileiros suscitou uma série de manchetes nos jornais, que passaram a informar sobre uma epidemia que aterrorizava as cidades por onde o navio havia passado. Cidades vizinhas às localidades onde o transatlântico atracou começaram a relatar casos da nova ameaça, marcando o início do impacto da pandemia de gripe no Brasil.

No Recife, o periódico *A Província*<sup>10</sup> noticiou que, entre os meses de setembro e outubro de 1918, nenhuma outra epidemia em Pernambuco havia feito tantas vítimas em um período tão curto. *O Diário de Pernambuco* destacou a gravidade da situação que assolava o bairro do Recife, com a cidade paralisada e os estabelecimentos fechados, impactando profundamente a vida das pessoas e resultando em ruas cada vez mais desertas.

Prossegue nesta capital a epidemia da Influenza espanhola, tendo feito nos dois últimos dias várias vítimas. As ruas continuam apresentar aspecto tristonho, o movimento reduzindo e vários estabelecimentos fechados.  
(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 12 out. 1918, p.3)

<sup>7</sup> Hasteamento de bandeira amarela ou vermelha sinalizando doença contagiosa a bordo, surto de doença no navio.

<sup>8</sup> “O transatlântico era de propriedade da Royal Mail, que fazia a rota Liverpool-Buenos Aires. Transportava passageiros, carga e malas postais. No relatório médico, constam cinco mortes por “doenças comuns” durante a travessia até o Recife. Mas, ao entrar na baía de Guanabara, em frente à ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, o *Demerara* içou bandeira amarela — sinal de doença a bordo. O inspetor de saúde do porto, José Maria de Figueiredo Ramos, subiu no navio, examinou a maior parte dos passageiros, sobretudo os da terceira classe, e constatou que a embarcação estava contaminada, com dois enfermos em estado grave.” (Schwarcz & Starling, 2020, p. 49).

<sup>9</sup> Enquanto o transatlântico estava atracado no Rio de Janeiro, dois passageiros que desembarcaram e foram internados, Manuel Reis dos Santos e, uma criança chamada Antônio Barbosa, diagnosticadas com *broncopneumonia gripal*, morreram no Hospital São Sebastião (Schwarcz & Starling, 2020, p. 49).

<sup>10</sup> A PROVÍNCIA, Recife, 09 out. 1918, p. 1

Na Bahia, a gripe devastava a cidade de Salvador, causando centenas de mortes. O jornal *A Tarde*<sup>11</sup> já anunciava, em 25 de setembro de 1918, que “uma nova epidemia está assolando a capital” (1918, p. 1). Mesmo diante da alarmante situação sanitária, o Governo da Bahia persistia em minimizar a gravidade da doença, classificando-a como uma gripe comum e chamando-a de “influenza benigna”. Contudo, não demorou para que a propagação da doença se tornasse mais abrangente, revelando a ineficácia do governo oligárquico local em lidar com a crise.

A gripe continua sorrateira, dizimando a população, e especialmente os desvalidos que diariamente sucumbe às dezenas, à míngua de socorros públicos. As portas das igrejas, dos teatros e os bancos dos passeios públicos estão empilhados de indigentes prostrados pela fome e pelas trágicas manifestações da moléstia impiedosa (A TARDE, 26 out. 1918, p, 1).

No Rio de Janeiro, então capital federal, a situação foi assustadora. Segundo Schwarcz & Starling (2020), com a chegada do *Demerara*, desembarcaram cerca de 367 passageiros infectados pela nova doença, e rapidamente o poder devastador da gripe se manifestou. O contágio ocorreu de forma tão rápida que expos as condições precárias das repartições de saúde na cidade. O Hospital São Francisco Xavier, por exemplo, um dos mais renomados da época, sofria severas escassez de materiais básicos, como remédios e equipamentos, impossibilitando atendimento aos doentes. O governo, seguindo a lógica da negação inicial, adotou uma postura de minimização das urgências e letalidade da gripe, o que ocasionou para o agravamento da crise sanitária.

Ainda ha postos de socorros sem medicamentos. Pharmacias ameaçadas de ficar sem as respectivas licenças. [...] A gripe, que se assenhorear por completo da cidade e, ainda mais, do espírito da população, continua fazendo sentir os seus efeitos. Na sua maioria apresenta-se benigna, mas não deixa de ser demasiado violenta, quando encontra organismos já predispostos a recebel-a em uma fatal complicação de afecções cardíacas ou pulmonares (A NOITE, 20 out 1918, p, 1).

A disseminação da *Influenza Hespanhola* no Brasil se tornou inevitável, afetando todo o território nacional e transformando os últimos meses de 1918 em um período de crise sanitária. Além das grandes cidades, a Cidade da Parahyba se destaca como um caso

---

<sup>11</sup> A TARDE, Salvador, 25 set. 1918, p. 1.

interessante devido à sua proximidade com Recife, que foi possivelmente o ponto de entrada do vírus no país.

No capítulo seguinte, será analisado como a chegada e o desenrolar da epidemia foram registrados na cidade, com base em edições do jornal *O Norte*. Tal análise permitirá compreender como um meio de comunicação da imprensa local repassou a situação para os habitantes, bem como as respostas da população e das autoridades frente a pandemia e como foram interpretadas, e divulgadas por esse jornal.

### 3. VÍRUS, MANCHETES E MORTES: A GRIPE ESPANHOLA NO O NORTE NOS MESES FINAIS DE 1918

Embora a maior parte das notícias estampadas nas páginas dos jornais da época se dedicasse a primeira grande guerra, outro assunto começava a ganhar destaque não apenas na Paraíba, mas em todo o país: a gripe espanhola. (Soares Junior, 2011, p. 63)

#### 3.1 Jornais como Fontes e as suas Representações

A utilização da imprensa periódica como fonte para a pesquisa histórica é essencial, pois proporciona ao historiador acessar uma variedade de materiais que refletem a cultura, sociedade e a política de uma época. De Luca (2005), aborda que os periódicos executam um papel significativo na produção do conhecimento histórico ao trazer novos objetivos, abordagens e problemáticas para a historiografia.

O reconhecimento dos periódicos como fonte importante cresceu com as novas perspectivas de pesquisa do final do século XX, sobretudo com a renovação metodológica da historiografia, influenciada pelas Escolas dos Annales. Esse desenvolvimento permitiu que os historiadores amplificassem suas abordagens, utilizando folhetins, jornais, revistas, entre outras publicações, como forma de compreender o contexto e os eventos da época em que foram produzidos.

A análise desses materiais, que inclui colunas, notícias, editoriais, entre outros, reivindica uma leitura crítica que vai além de apontar essas fontes como simples reflexos da realidade, ou seja, é necessário interpretá-las como representações que fornecem material de estudo sobre as intenções e os contextos sociais e políticos pressupostos.

Esse estudo exige diversos fatores a serem considerados, como os responsáveis pela publicação, o público-alvo, o contexto sociopolítico e assim por diante, para compreender o papel da imprensa como agente dos processos históricos. Com isso, partindo da discussão de De Luca (2005), a imprensa periódica enriquece a pesquisa histórica ao permitir uma conexão com o contexto social e a análise de discursos e práticas culturais, auxiliando para uma visão do passado.

Não podemos acessar o passado “tal qual aconteceu”, mas conseguimos ter contato com as representações que se desejavam construir. No que tange ao conceito de representação, a imprensa periódica executa um papel importante na construção de representações que moldam

a percepção da realidade e das identidades culturais. Os jornais organizam um conjunto de notícias com circulação diária ou semanal, e essas junções de informação não se colocam de forma aleatória, pois são organizados em uma lógica que pode ser analisada a partir da organização das manchetes, construídas a partir de uma convicção editorial.

Os jornais e suas capacidades de circulação não apenas relatam acontecimentos, mas também os interpretam, selecionam e organizam, com isso, influenciando as representações que seus leitores terão do mundo ao seu redor. A vida de um meio de comunicação está dentro do contexto editorial, onde ocorre a seleção das manchetes, a disposição das notícias e o tom dos textos que vão refletir intencionalidades e contextos culturais e sociais a serem considerados pelo pesquisador.

Darnton (1987) indica que as representações expressam um “idioma geral”, compartilhado pela sociedade, propiciando que as pessoas repassem e entendam sua realidade com base em símbolos e práticas comuns. Assim sendo, os jornais revelam como as culturas desenvolvem modos de pensar coletivo, sendo necessário a captação por meio do pesquisador para acessar a visão da época.

Ademais, Pesavento (2003) argumenta que essas representações são operações mentais e históricas que constroem significados e identidades. Com isso, os periódicos não são meros espelhos da realidade, mas estabelecem uma forma de substituí-las, carregando relações de poder que fazem certas visões de mundo serem de certa forma naturalizadas como verdades dominantes. Para Chartier (1990), as representações estão interligadas ao modo como, em diferentes lugares e tempos, a realidade social é formada por meio das divisões, delimitações e classificações. Seguindo o pensamento de Pesavento (2003) e Chartier (1990), as representações são expressas por discursos, ou seja, as representações expressas nos jornais podem ser interpretadas de maneiras diversas pelos leitores, o que se configura em uma pluralidade de significados e leituras que precisam ser consideradas.

Deste modo, os jornais são mais que registros informativos, eles são agentes históricos ativos que formulam o que é representado. Ao utilizar os jornais como fonte, o pesquisador deve analisar uma série de questões, o posicionamento editorial, as escolhas de manchetes e o contexto de produção, isso permite compreender as articulações de poder e as percepções de mundo divulgadas. Posto isso, a análise de jornais proporciona um acesso às representações históricas, concedendo ao historiador um recurso para analisar como a realidade foi construída e entendida por meio das lentes culturais e sociais de um tempo.

Ao estudar o contexto da *Influenza Hespanhola* em 1918 na perspectiva do jornal *O Norte*, é possível observar como a imprensa interpretava e comunicava a gravidade ou não, da

doença, bem como quais narrativas promoviam e quais aspectos enfatizavam ou omitiam, indicando o entendimento social da gripe e as medidas de saúde adotadas no período. Pesavento (2003) também reforça que as representações possuem um papel fundamental na criação de significados que organizam a vida em sociedade, nesse contexto, as reportagens sobre a gripe espanhola na cidade da Paraíba podem ter contribuído para a formação de uma identidade coletiva frente a crise sanitária, orientando a reação pública.

### 3.2 Outubro de 1918: Os Primeiros Ecos da Gripe Espanhola nas Páginas de *O Norte*

O jornal *O Norte*, foi fundado pelos irmãos Orris Eugênio Soares e Oscar Soares em 7 de maio de 1908, encerrando suas atividades em 1º de fevereiro de 2012. Seu surgimento marcou uma transformação na imprensa paraibana, pois foi gerado nos moldes do jornalismo moderno e bem estruturado, ganhando conceito a ponto de seu lançamento ser noticiado pela *A União*, jornal oficial e sua principal concorrente.

Desde as suas primeiras edições, o jornal trouxe uma imensa quantidade de anúncios publicitários, além das notícias. Suas páginas eram extensamente ocupadas por propagandas de médicos, dentistas, produtos e estabelecimentos de entretenimento, como cinemas, caracterizando-se como um jornal carregado de publicidades. Na nossa pesquisa, nas últimas páginas do *O Norte*, observamos todos os tipos de anúncios, como cinemas, medicamentos, farmácias, ou seja, quase tudo se encontrava nas páginas do periódico.

Em *Paraíba: Imprensa e Vida*, Fátima Araújo (1986) informa que o jornal começou com uma linha editorial independente, sem vínculos políticos, mas, a partir de 1915, abandonou essa considerada imparcialidade inicial, dispondendo a favor do senador Epitácio Pessoa em sua disputa com Walfredo Leal. A partir desse momento, *O Norte* se tornou uma espécie de órgão oficial do epitacismo<sup>12</sup>, a ponto de esgotar seus autores com a imensa parcialidade.

Entre os fundadores, Orris Eugênio Soares, sem dúvidas, se destacou. Escritor e jornalista, Orris aos 24 anos, fundou *O Norte* ao lado de seu irmão, Oscar Soares. O periódico se tornou um dos principais veículos de comunicação da Paraíba até seu fechamento. O êxito do jornal está interligado à influência e habilidades de Orris no campo da literatura, se destacando por seu talento jornalístico. (Araújo, 1986, p. 274)

---

<sup>12</sup> O Epitacismo designa o grupo político liderado por Epitácio Pessoa, que exerceu grande influência na política paraibana entre 1915 e 1930. Durante esse período, a chamada "ordem de Epitácio" definiu os rumos do estado, resultando em uma intensa polarização entre seus aliados e opositores. Esse domínio oligárquico se consolidou por meio de nomeações estratégicas, controle dos recursos públicos e práticas clientelistas, refletindo a dinâmica do coronelismo no Brasil da Primeira República (Santos Neto; Lira dos Santos, 2017).

Orris Soares era filho de Adolfo Eugênio Soares e Amasile Meira de Holanda Soares, e sobrinho de Francisco Camillo de Hollanda, presidente da Paraíba entre 1916 e 1920. Essa proximidade com Camillo de Hollanda, em nossa análise, explica a presença recorrente de elogios e apelos diretos ao presidente nas páginas do periódico. Esse fenômeno evidencia o familismo na política, onde laços de parentesco eram determinantes para a ocupação de cargos e a manutenção do poder. O jornal, nesse contexto, funcionava como um palco para a legitimação e promoção desses políticos, reforçando alianças familiares e projetando seus interesses no debate público. Assim, confirma-se a análise de Araújo (1986), segundo a qual, após 1915, *O Norte* abandonou sua imparcialidade original.

Até princípios da década de 20, o jornal registrava em suas páginas o endereço de sua redação e impressão, na Rua Visconde de Inhaúma, nº 9<sup>13</sup>. Nesse mesmo período, as matérias eram frequentemente assinadas por Inojosa Varejão<sup>14</sup>, Sinésio Guimarães<sup>15</sup>, Enéias Leite, José Porfirio ou pelo próprio Orris Soares. Em 1919, o jornal *O Norte* enfrentava dificuldades em conquistar a aceitação do público<sup>16</sup>, o que levou Orris Soares a colocar à venda toda a estrutura jornalística antes de sua mudança para o Rio de Janeiro. O periódico foi então adquirido pelo comerciante Januário Barreto, que delegou a redação a Rocha Barreto e a gerência a Raymundo da Costa. (Araújo, 1989, p. 276)

Durante a pandemia de gripe espanhola (1918 – 1920), Francisco Camilo de Holanda<sup>17</sup> ocupava a presidência do estado da Paraíba, e sua atuação foi retratada de maneiras divergentes pela imprensa local. O jornal *A Imprensa* criticava ativamente suas decisões, exigindo uma gestão mais eficaz da crise sanitária, enquanto *O Norte* oferecia elogios e clamava por maior assistência aos enfermos. Nossa pesquisa examinará a cobertura oferecida pelo *O Norte* sobre o desenvolvimento da pandemia e a atuação do governo, incluindo também as críticas de *A Imprensa*, para compreender as representações e os discursos sobre o contexto da época.

<sup>13</sup> A redação e impressão do *O Norte* se dava nas proximidades do Hotel O Globo, um ponto de referência central na cidade. No entanto, as edições de 1918 analisadas evidenciam que, nesse período, a sede do periódico já havia sido transferida para a Rua Duque de Caxias, nº 49.

<sup>14</sup> José Inojosa Varejão, nasceu na Cidade da Paraíba, atual João Pessoa, em 28 de março de 1886, e se formou pela Faculdade de Direito do Recife em 1909. Foi jornalista do Jornal A União de 1907 a 1909, depois foi trabalhar no Jornal *O Norte* antes de se mudar para o Acre (Lima, 2010. Disponível em: <<https://abrir.link/OrsZm>> Acesso em: 05/11/2024).

<sup>15</sup> Sinésio Pessoa Guimarães Sobrinho, nasceu em Bananeiras em 1897, se formou em Direito, e foi diretor de redação da Revista *Era Nova*, e dos jornais *O Liberal* e *A União*, além de ser um dos primeiros redatores do *O Norte* (Santos, 1994) (Barbosa, 2009).

<sup>16</sup> Araújo (1986), aponta que o *O Norte* enfrenta dificuldades na aceitação pública em 1919 devido à polêmica de Epitácio Pessoa saindo vitorioso, sendo eleito Presidente da República.

<sup>17</sup> Francisco Camilo de Holanda, nasceu em 1862, estudou na Escola de Aprendizes Marinheiros entre os anos de 1875 e 1879. Formou-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia no ano de 1886, e adentrou no Exército brasileiro em 1889, fazendo parte do corpo de saúde do Exército durante 35 anos. Foi eleito Presidente do Estado da Paraíba entre 22 de outubro de 1916 e 22 de outubro de 1920 (Odilon 2001).

No dia 3 de outubro de 1918, o jornal *O Norte* registrou pela primeira vez o termo *Influenza Hespanhola* em suas folhas, marcando o início de uma série de reportagens frequentes sobre a doença, que se estenderiam até o final daquele ano. As primeiras menções à gripe espanhola salientaram a situação em outras localidades, como Recife e São Paulo. Essa primeira notícia se baseou em informações provenientes do *Diário de Pernambuco*, que por meio de uma abordagem simplista, categorizou a doença como uma “simples gripe”. A transcrição do *Diário de Pernambuco* pelo *O Norte* enfatizava que, por mais que a doença estivesse em alta em alguns lugares, ainda seria algo controlável: “é claro que a aconselhamos ao público as cautelas comuns que a gripe impôs por toda a parte” (O NORTE, 03 out. 1918, p. 1).

Após essa primeira manchete, houve um intervalo de cinco dias sem novas atualizações sobre a doença. Contudo, em 8 de outubro de 1918, *O Norte* voltou a abordar o tema, desta vez evidenciando uma perspectiva mais preocupante: ao transcrever o jornal *Estado de S. Paulo*, *O Norte* alertava que essa “nova doença” se diferenciava profundamente de uma gripe comum, pois possuía características mais agressivas e levava frequentemente a complicações pulmonares fatais, se contradizendo da imagem benigna inicialmente atribuída a enfermidade. Assim, *O Norte* introduziu a interpretação de que a gripe espanhola poderia representar um perigo elevado e próximo, mas que ainda não se tinha casos registrados na cidade da Parahyba (O NORTE, 08 out. 1918, p. 2).

No dia posterior, na edição de número 3032, *O Norte* noticiou uma atualização preocupante sobre o avanço da doença em Pernambuco, que se espalhava rapidamente. Segundo o próprio jornal, a imprensa pernambucana estava desempenhando um papel de tranquilização, classificando o surto como uma epidemia benigna. No entanto, na mesma edição, foi mencionado que praticamente todos os funcionários do *Diário de Pernambuco* haviam adoecido, comprometendo o funcionalismo do jornal, sinalizando o grande impacto direto da doença na estrutura da sociedade durante aquele período (O NORTE, 09 out. 1918, p. 1).

Em razão da situação crítica em Recife, com a qual a cidade da Parahyba mantinha relações comerciais e sociais, a disseminação da gripe espanhola era praticamente inevitável. Os rumores eram grandes de que a doença já estava presente na cidade, mas nada era confirmado. Segundo *O Norte*, na edição de número 3033, é evidenciado: “Há dias que se fala no aparecimento de casos de influenza hespanhola nessa capital, mas num tom vago de boatos de rua” (O NORTE, 10 out. 1918, p. 1).

A presença da doença na cidade não demorou a se confirmar após os boatos nas ruas, pois no dia 10 de outubro de 1918, o *O Norte* estampou em suas páginas a manchete “A influenza hespanhola nesta capital”. Naquele dia, o periódico descreveu que os primeiros 36

casos registrados ocorreram na Cadeia Pública, e argumentou que a ocorrência no presídio poderia ser atribuída às condições de aglomeração dos encarcerados. Porém, apesar do número significativo de casos, *O Norte* minimizou a gravidade inicial da situação, ressaltando que todos eram casos de benignidade, sugerindo que o acometimento leve dos sintomas se devia aos “salutares preceitos de hygiene, graças ao governo do sr. Dr. Camillo de Hollanda” (*O NORTE*, 10 out. 1918, p. 1).

**Imagen 1:** A chegada da *Influenza Hespanhola* na Cidade da Parahyba



Fonte: Jornal *O Norte*, 10 out. 1918, p. 1. Hemeroteca Digital (memoria.bn.br)

A cobertura do jornal, a respeito da pandemia na Paraíba, foi marcada por elogios ao presidente do estado, Camillo de Hollanda, cuja gestão foi continuamente exaltada, sem qualquer crítica explícita. A edição seguinte, 3034, informou que a doença “não grassa com a alarmante intensidade que se está verificando no Recife” e que a expectativa era de que a gripe passasse pela cidade de forma benigna, como uma simples “influenza paraibana”<sup>18</sup>. No entanto, *O Norte* também noticiou, de maneira reverente, que o presidente Camillo de Hollanda decretou, no final do dia 10, o fechamento de todas as escolas públicas da capital, uma decisão considerada acertada para frear a propagação do vírus. *O Norte* enalteceu a medida como uma resposta preventiva, focada em limitar a disseminação da doença, visto os perigos da sua contagiosidade.

A postura do *O Norte*, de constante exaltação ao presidente do Estado, revela uma relação entre a imprensa e o poder público, baseada em apoio e valorização das medidas governamentais. Assim como o *Diário de Pernambuco* que desempenhava um papel de tranquilização da população, *O Norte* também vai desempenhar o mesmo papel para a população da cidade da Parahyba, visto que sempre vai classificar o surto como uma epidemia benigna.

<sup>18</sup> *Influenza Paraibana* era a forma de *O Norte* se denominar a gripe comum.

Com ritmo acelerado de contágio, a pandemia se disseminou rapidamente pela capital, afetando o cotidiano e o comércio da cidade. As notícias no *O Norte* descreviam a ampliação contínua dos casos de influenza, sempre taxando como casos benignos, mencionando que praticamente todas as ruas registravam infecções. Diante da rápida expansão da doença, o jornal enfatizou, com preocupação, os riscos associados aos locais atendidos pela linha férrea da *Great Western of Brazil Railway*<sup>19</sup>, que ligava algumas localidades da Paraíba ao Recife – cidade onde a situação da pandemia era particularmente crítica. *O Norte* fez apelos a Camillo de Hollanda para que medidas adicionais fossem implementadas, visando conter possíveis novos casos através dessa rota, piorando a situação da capital. Conforme pontuado pelo periódico:

Como se sabe é grande o commercio entre a nossa capital e o Recife com as nossas populações do interior, e desse contacto diario pode resultar o alastramento do mal, augmentado ainda nas creanças cuja receptividade é muito prompta aliás para quasi todos os males epidemicos (O NORTE, 15 out. 1918, p. 1).

Em resposta ao agravamento da situação, Camillo de Hollanda decretou, no dia 14 de outubro, o fechamento de todos os cinemas da capital, medida que, conforme anunciado pelo jornal, permaneceria em vigor “até que cesse a peste ora a grassar entre nós” (O NORTE, 15 out. 1918, p. 1). Essa decisão chegou com a postura do chefe de polícia, Manoel Tavares, que proibiu qualquer tipo de aglomeração em espaços<sup>20</sup>, sejam eles teatros, cinemas, sociedades recreativas ou futebol, resultando no enfraquecimento da vida noturna da cidade, até então conhecida pela animação e alegria. As novas restrições foram elogiadas por *O Norte*, que valorizou a atuação do governo estadual:

O sr. dr. Camillo de Hollanda, presidente do Estado, tem sido de uma solicitude inexcedivel na applicação das medidas que o angustioso momento está a cxigir para attenuação dos maleficos effeitos de apavorante molestia (O NORTE, 15 out. 1918, p. 1).

---

<sup>19</sup> Empresa inglesa que explorou e construiu ferrovias no Nordeste brasileiro, iniciando seu funcionamento no ano de 1881, fazendo o transporte de passageiros e cargas entre Pernambuco e algumas localidades do Nordeste. (Fundação Joaquim Nabuco – Great Western. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/noticia/servlet/newsstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=306&textCode=833&date=currentDate>> Acesso em: 10/11/2024

<sup>20</sup> Em 2020, o mundo foi severamente impactado pela pandemia da Covid-19, e o Brasil não foi exceção. Diante da rápida disseminação do vírus, medidas emergenciais foram adotadas para conter o avanço da doença, evidenciando semelhanças com estratégias preventivas observadas na Pandemia de Gripe Espanhola. Essas medidas incluíram a suspensão de reuniões familiares, o cancelamento de eventos festivos e o fechamento de escolas, além da interrupção do funcionamento de centros comerciais, como shopping centers, que abrigam cinemas e outras formas de entretenimento coletivo.

Com o aumento expressivo de casos de gripe na cidade, as primeiras mortes atribuídas à doença começaram a ser registradas. A primeira fatalidade foi documentada no dia 13 de outubro de 1918<sup>21</sup> (*O NORTE*, 27 nov. 1918, p. 2). No entanto, o jornal *O Norte* só publicou oficialmente um caso de morte pela doença apenas no dia 18 de outubro de 1918, na edição de número 3039, relatando o falecimento do detento João Pedro da Silva<sup>22</sup>, ocorrido no dia 16, na Cadeia Pública.

Segundo o jornal, as infecções dentro da Cadeia Pública e dos Quartéis se revelaram graves devido à tamanha “promiscuidade”, que se encontravam dentro dessas repartições, e com isso as medidas profiláticas quase não tinham efeito. Os poderes públicos acusavam os pobres, considerados promíscuos, suscetíveis a transmissão da doença, isso se referindo a moral, ou seja, a ideia de que o ajuntamento de pessoas das camadas mais baixas levava a promiscuidade e, portanto, a transmissão de doenças.

Esse episódio de morte na Cadeia Pública inaugurou uma série de registros de mortes pela gripe que, a partir desse ponto, se tornaria cada vez mais frequentes nas páginas do *O Norte*.

Entre os óbitos noticiados, um caso em particular atrai atenção: a morte de Maria Yvetto Londres, jovem filha do respeitado farmacêutico da cidade, Manoel Soares Londres, ocorrida às 19h da noite fria de 20 de outubro de 1918, em sua residência na Rua Barão do Triunfo, n.º 40. A morte de Maria Yvetto evidencia não apenas pela ligação familiar com um dos principais fornecedores de remédios que prometiam aliviar os sintomas da doença, mas também pelo contraste entre promessa de cura propagada pela farmácia de seu pai e a inevitável letalidade do vírus<sup>23</sup>. Mesmo com a relevância do caso, *O Norte* apenas noticiou de forma simples e breve, amenizando a situação, contextualizando a morte em meio a elogios ao esforço governamental e reiterando a confiança nas ações profiláticas do presidente do estado. O jornal anunciou:

O governo ha tomado todas as medidas que se enquadram nas possibilidades dos seus recursos prophylacticos, oppondo, assim, um dique valioso ao desenvolvimento da epidemia.

Desvanece-nos assignalar que o mal dominante quase nenhuma vitima fez ainda entre nós e que as suas manifestações clinicas têm sido uniformes e sem caracter algum que implique gravidade (*O NORTE*, 20 out. 1918, p. 1).

<sup>21</sup> Infelizmente, a fonte que trabalhamos não indica informações sobre a primeira morte de influenza espanhola na cidade.

<sup>22</sup> Segundo *O Norte*, João Pedro da Silva, também conhecido como João Cândido deu entrada na Cadeia Pública no dia 02 de outubro daquele ano, foi transferido de Guarabira para a capital, sendo acusado de crime de roubo. (*O NORTE*, 18 out. 1918, p. 1)

<sup>23</sup> O caso da de Maria Yvetto Londres, deixa evidente que a doença matava independentemente do status social.

A insistente narrativa de *O Norte* sobre a benignidade da gripe espanhola e os repetidos elogios às medidas das autoridades locais refletem uma ambiguidade perceptível em suas páginas. Apesar de noticiar que as autoridades estavam impondo um maior "rigor às medidas prophylacticas recommendedas na presente situação" (O NORTE, 22 out. 1918, p. 2), para conter os contágios, ao mesmo tempo, minimiza os riscos, reiterando que a doença não teria efeitos graves. Essa postura confusa gera uma contradição evidente, enquanto se afirma que a influenza é benigna e sem gravidade, a frequência de casos aumenta na cidade, sugerindo uma situação preocupante. Essa abordagem acaba posicionando o jornal no papel similar com os interesses estatais, semelhantes ao que já era desempenhado pelo jornal *A União*, órgão oficial do Estado.

Em 24 de outubro de 1918, o jornal reconheceu que o declínio da doença ainda estava distante, mas ressaltou novamente a “absoluta benignidade” da epidemia, afirmando que o número de mortes não chegava a 1% dos casos (O NORTE, 24 out. 1918, p. 1). Todavia, a realidade social relatada também pelo jornal, contrastava com o tom otimista: famílias inteiras, receando o contágio, estavam “intranquilas”, muitas deles optando por deixar a cidade a procura de refúgio no interior do Estado. *O Norte* relata que o êxodo de pessoas da cidade era visível, destacando “o número de pessoas que diariamente deixam a cidade” (O NORTE, 24 out. 1918, p. 1).

Em meio ao avanço da epidemia, os bairros de Jaguaribe e Centro na capital, destacavam-se pelo número expressivo de casos<sup>24</sup>, espelhando o impacto desigual da epidemia sobre diferentes setores da população. No bairro de Jaguaribe, onde residiam pessoas em situação maior de vulnerabilidade socioeconômica, *O Norte* aponta que a carência de recursos dificultava a aplicação das normas de higiene recomendadas pelas autoridades. O periódico destaca:

No bairro do Jaguaribe, habitado por milhares de pessoas na maioria sem recursos e alheias aos mais elementares preceitos de hygiene, o mal toma proporções alarmantes pelo grande numero de individuos que ali se acham atacados (O NORTE, 25 out. 1918, p. 1).

No Centro da cidade, o problema era com a ampla rede de estabelecimentos afetados devido ao afastamento de funcionários doentes. Outro foco de atenção era o agravamento da situação de pessoas sem acesso a condições básicas de tratamento. Vejamos o que nos diz o jornal: “Pelo centro da cidade a epidemia vae-se alastrando de modo a causar serias

---

<sup>24</sup> Infelizmente o jornal não diz o número de doentes.

apprehensões, invadindo quasi todos os lares e estabelecimentos” (O NORTE, 25 out. 1918, p. 1)

Diante desse cenário, *O Norte* realiza apelos ao *Serviço de Hygiene Pública do Estado da Paraíba*, apontando que as autoridades precisam intensificar as medidas preventivas para que Cidade da Parahyba não enfrentasse a mesma gravidade observada em Recife e no Rio de Janeiro. Assim afirmou o jornal:

Pensamos que a Directoria Geral de Hygiene deve multiplicar os seus proclamados esforços na actual emergencia de verdadeira calamidade publica, apertando as medidas effectivadas e emprehendendo outras, a fim de que a epidemia dominante não tome o vulto e a gravidade que se vêm observando Recife e na Capital Federal. (O NORTE, 25 out. 1918, p. 1)

Durante a epidemia de gripe de 1918, o *Serviço de Hygiene Pública do Estado da Paraíba*, sob a direção do Dr. José Texeira de Vasconcelos, tornou-se centro de debate na imprensa local. *O Norte*, jornal com suas opiniões favoráveis ao governo, elogiava frequentemente as ações do órgão, ressaltando os trabalhos do Dr. Vasconcelos e do Dr. Camillo de Hollanda para conter a propagação da doença. Por outro lado, o jornal *A Imprensa* teceu críticas severas, acusando o *Serviço de Hygiene* de passividade e falhas na resposta à crise sanitária. Segundo *A Imprensa*, o órgão negligenciou a assistência aos enfermos, delegando aos jornais o papel de orientar a população sobre os cuidados necessários para conter a proliferação do vírus. O serviço foi descrito como “inadequado” e insuficiente para cumprir seu papel na gestão da epidemia, com ações consideradas “funestas” e uma abordagem que resultava em barreiras ao tratamento dos infectados, atribuídas às “negligências da hygiene” (Soares Junior, 2011).

Outro importante jornal, *A União*, órgão oficial do governo, também expressou uma postura crítica, embora de maneira mais moderada. Em suas páginas, *A União* requeria que a *Directoria de Hygiene* adotasse “medidas mais positivas” para atender à população, incluindo a distribuição de medicamentos nos bairros mais afetados, como Jaguaribe, Roger e Riacho (Araújo, 2016).

Apesar das cobranças e das críticas de ineficiência, especialmente por parte do Jornal *A Imprensa*, o *Serviço de Hygiene* tomou medidas importantes no enfrentamento da doença. Foi sob orientação da *Directoria de Hygiene* que o governo estadual emitiu os decretos de suspensão temporária das aulas públicas e fechou os cinemas da capital, buscando reduzir as aglomerações e a propagação da doença (Soares Junior, 2011).

Na edição publicada em 26 de outubro de 1918, *O Norte* comentou o sobre *Programma de Serviços Prophylacticos*, implementado pelo governo de Camillo de Hollanda. Esse programa, conforme noticiado, visava oferecer assistência aos enfermos, essencialmente aos indigentes, via Postos de Socorro equipados com médicos e farmacêuticos indicados pelo *Director de Hygiene*. Esses postos também atuavam como centros de distribuição de alimentos e medicamentos e foram posicionados nas regiões onde a doença se manifestava com maior intensidade. (O NORTE, 26 out. 1918, p. 1)

Posteriormente, na edição n.º 3047, a manchete de *O Norte* destacou uma visita do presidente Camillo de Hollanda acompanhado do *Director de Hygiene*, ao bairro de Jaguaribe, onde constatou o estado “desolador” em que viviam os moradores, a maioria sem condições financeiras para arcar com os tratamentos necessários. Segundo o jornal, essa visita presencial resultou no aumento dos investimentos estaduais nos Postos de Socorro na capital, reforçando a assistência oferecida à população de Jaguaribe.

Vieira de Araújo (2016) interpreta a resposta governamental à epidemia na Cidade da Paraíba como uma ação principalmente assistencialista e preventiva, com a principal preocupação das autoridades voltada à contenção do contágio, e não à cura dos enfermos. A assistência social refletia-se, por exemplo, na distribuição de alimentos aos doentes. Ao analisar a construção da imagem do presidente do Estado, Camillo de Hollanda, nas páginas de *A União*, Vieira de Araújo (2016) aponta a intenção de promoção política do governante. O autor ressalta que o presidente era representado de forma carismática e “bondosa” em suas aparições públicas, estratégia que também se reflete na narrativa de *O Norte*:

A imagem do presidente do estado construída nas páginas do jornal *A União* demarca a intenção de fazer propaganda do político e de sua administração mediante a exposição da pessoa do político em seus momentos de aparição pública, em que seu gesto "bondoso" passa a ser identificado com a figura do governante (Vieira de Araújo, 2016, p. 213. Grifos nossos).

*O Norte*, ao noticiar a visita de Camillo de Hollanda ao bairro de Jaguaribe, mantém uma narrativa de exaltação e admiração, que reforça a imagem de um governante atencioso e envolvido diretamente com as necessidades da população. A manchete sugere uma visão idealizada da ação de Hollanda, quase como um ato benevolente, atribuindo a disposição pessoal de enfrentar as condições adversas para auxiliar os mais necessitados. Esse retrato serve a uma narrativa que pretende mostrar o presidente como benevolente e dedicado, na qual o

governante é posicionado como uma figura quase “paternalista”, preocupado com a população de baixa renda e empenhado em proporcionar alívio aos que sofriam com a doença.

A estratégia de construir uma imagem de um líder compassivo, mostrada por Vieira de Araújo (2016), é nítida nas edições de *O Norte*, e especialmente visível na descrição dessa visita a Jaguaribe. A representação do presidente nas páginas do jornal como um administrador generoso, ao caminhar pelo bairro e tomar ciência das dificuldades da população, reforça uma visão de proximidade entre governo e o povo. Esse tipo de cobertura atende a um objetivo de propaganda, que busca não apenas informar, mas também consolidar uma imagem favorável do governante, enfatizando gestos de amparo.

A propagação da influenza hespanhola vai intensa por toda a cidade nomeadamente pelos bairros habitados por gente modesta.

Hontem o exmo. sr. dr. Camillo de Hollanda, em companhia do dr. director de Hygiene, percorreu todo o burgo do Jaguaribe, e constatou *<in-loco>* a desoladora situação em que ali se encontra o povo, quasi todo attingido pelo terrivel molestia, e sem meios para se tratar.

S. exc., que teve a mais pungente impressão do que se vaé passando naquelle tracto do extremo de nosso urbs, está no proposito de estabelecer ali postos de soccorros para a distribuição de remedios oe alimentos, sob a direcção de funcionarios da Directoria de Hygiene (O NORTE, 29 out. 1918, p. 1).

A “bondade”, atribuída a Camillo de Hollanda, não é retratada apenas como um traço pessoal, mas como uma extensão das políticas de sua administração, sugerindo que sua liderança era sensível às urgências do momento. Ao descrever a “desoladora situação” de Jaguaribe e a constatação de que Hollanda sobre a falta de recursos dos moradores, *O Norte* também justifica a continuidade dos investimentos nos Postos de Socorro, apresentando-os não como uma medida governamental necessária, mas como um reflexo direto da “compaixão” do presidente. Essa narrativa demonstra o quanto o jornal colaborava com a construção de um discurso em torno da figura de Camillo de Hollanda, idealizando sua atuação em um contexto de calamidade pública.

O final de outubro de 1918 marcou um crescimento na taxa de enterros na Cidade da Parahyba. Segundo *O Norte*, foram registradas 19 mortes de *influenzados*<sup>25</sup> nos dois últimos dias do mês. A gravidade da situação instigou a criação de medidas emergenciais para conter a propagação e atender os infectados. Entre as propostas discutidas, se ressaltou a ideia de instalar hospitais provisórios para auxiliar os doentes, como sugerido, um dos hospitais poderia ser

---

<sup>25</sup> O jornal chamava os doentes da gripe de “influenzados”.

erguido na área inferior do Convento dos Beneditinos, com o aval do superior do Mosteiro de São Bento<sup>26</sup>. Ainda assim, o jornal terminou o mês com a mesma retórica de que a doença, apesar do aumento do contágio e do número de mortes, se preservava sem "alterar sua feição benigna que a tem caracterizado desde o seu aparecimento" (O NORTE, 30 out. 1918, p. 1).

### 3.3 Novembro e Dezembro de 1918: A Escalada da Gripe nas Páginas de *O Norte*

O mês de novembro de 1918 começou de forma desafiadora para a Cidade da Parahyba, refletindo a instabilidade que marcou a experiência da população diante da pandemia de gripe. Logo, no dia 1º de novembro, *O Norte* publicou que não havia qualquer indicativo de declínio da "epidemia reinante", sinalizando que o impacto da doença continuava a se intensificar. Na mesma edição, *O Norte* destacou um problema sanitário significativo: a prática da população de descartar cadáveres de animais, como gatos, cães e galinhas, nas vias públicas. O jornal atribuiu a essas ações um papel central na propagação da influenza, acreditando que a doença se espalhava pelo mau cheiro.

A situação em Santa Rita, cidade vizinha à capital, era alarmante, de acordo com *O Norte*, o avanço da epidemia na localidade atingiu proporções consideráveis e, com isso, veio a publicação de um apelo explícito ao presidente do estado, para que direcionasse atenção e assistência aos moradores. Nesse contexto, a figura de Hollanda foi novamente exaltada, descrita como dotada de "carinho inigualável" para com os doentes: "Para a pessoa do sr. dr. Camillo de Hollanda, que se ha mostrado de um carinho inegualável para com os indigentes desta capital, os santaritenses appellam por nosso intermedio." (O NORTE, 01 nov. 1918, p. 1).

Tendo em vista a situação de Santa Rita, algumas medidas foram tomadas pelo governo estadual na tentativa de mitigar os impactos da gripe. Segundo noticiado por *O Norte*, o presidente do Estado, Camillo de Hollanda, destinou a quantia de 500\$000 ao vigário de Santa Rita, o objetivo era a distribuição dessa quantia entre os influenzados<sup>27</sup>. Paralelamente, também foi relatada a distribuição de caixas de querosene entre os doentes, tanto em Santa Rita quanto na Cidade da Parahyba.

No entanto, é no mesmo mês que surgem os primeiros indícios de normalização, apesar de ainda haver casos significativos de contágio. Na edição de 5 de novembro, *O Norte* apontou

<sup>26</sup> "O abade do mosteiro de S. Bento telegraphou hontem à Caixa de <Soccorros> declarando ceder de boa vontade a parte inferior do convento dos Beneditinos nesta cidade para ser utilizada como hospital" (O NORTE, 29 out. 1918, p. 1).

<sup>27</sup> "O chefe do governo mandou entregar ao vigario de Santa Rita a quantia de 500\$000 para ser distribuida entre os Influenzados." (O NORTE, 5 no. 1918, p. 1).

uma possível retomada gradual da vida cotidiana, destacada pela movimentação crescente nas ruas e comércios da capital, assim como pela diminuição dos movimentos nas farmácias. Embora o jornal reconhecesse que:

[...] minguem dados positivos nos abilitem a proclamar o declinio da terrivel pandemia que ha cerca de um mez assola a nossa urbs, podemos dizer que ha indicios muito significativos de que ella tende a diminuir. Pelo menos é que se infere do maior movimento nas ruas e nas casas commercines e da menor affluencia de pessoas ás pharmacias em busca de medicamentos (O NORTE, 5 nov. 1918, p. 1).

Entre as medidas que simbolizam essa tentativa de retomada gradual, destaca-se a reabertura das casas de diversão, como os cinemas *Rio Branco* e *Morse*. Segundo *O Norte*, após passarem por desinfecção, esses estabelecimentos receberiam a autorização do *director de hygiene* para voltar a funcionar<sup>28</sup>, e a reabertura da *Egreja Evangelica Presbyteriana*, que segundo o jornal, após passar por uma rigorosa desinfecção, recebeu autorização para funcionamento<sup>29</sup>. A reabertura dos cinemas e da igreja evangélica não apenas marca um momento de flexibilização das medidas de controle sanitário, mas também reflete o papel central desses espaços na dinâmica social e cultural da capital, especialmente em um momento de forte desejo por retomada da normalidade.

Todavia, essa ênfase de *O Norte* na narrativa de progressiva recuperação, mesmo diante de indicadores ainda preocupantes, pode ser interpretada como uma tentativa de alinhar-se ao discurso oficial de controle da situação, destacando os esforços governamentais como eficazes e suficientes para enfrentar a crise. A reabertura de espaços públicos, por sua vez, simboliza a busca por uma retomada não apenas econômica, mas também simbólica, em que os elementos da vida social começam a ser reconstruídos após um mês de turbulência sanitária e social.

No dia 8 de novembro de 1918, *O Norte* publicou uma análise otimista sobre o progresso do combate à gripe espanhola na cidade da Paraíba, anunciando o declínio da pandemia. Em sua narrativa, o periódico procurou tranquilizar a população ao enfatizar que, embora ainda houvesse mortes registradas, o pior já havia passado. O texto, marcado por um tom de celebração, afirmou:

<sup>28</sup> “Por deliberação do director dan hygiene foi permitido o funcionamento, depois de convenientemente desinfectados dos cinemas - <Rio Branco> e <Morse>, fechados o desde a irrupção da epidemia.” (O NORTE, 5 nov. 1918, p. 1)

<sup>29</sup> “Cumprindo as recommendações da hygiene foi no sabbado passado lavada e rigorosamente disenfectada a Egreja Evangelica Presbyteriana, que no domingo ás 10 horas foi aberta para celebração do culto.” (O NORTE, 6 nov. 1918, p. 1)

A alegria que resurge em toda as manifestações da actividade urbana é uma demonstração muito significativa de que a epidemia já não representa um terror para a nossa população.

Tendo passado já o periodo de maior intensidade da peste só temos que nos desvanecer com a evidencia de que ella entraru na sua phase de declinio.

O facto de se irem verificando obitos em influenzados não constitue razão aceitavel para se temer de que não esteja a molestia diminuindo. (O NORTE, 8 nov. 1918, p. 1)

Apesar desse otimismo, a análise do declínio da pandemia era parcial, já que tal melhora parecia limitada ao centro da capital. Nas edições posteriores, *O Norte* reconheceu que nos arredores da cidade e nos bairros mais pobres, a doença continuava a se manifestar de forma persistente (O NORTE, 9 nov. 1918, p. 1). Esses locais apresentavam altas taxas de mortalidade, com o registro de até 12 óbitos em um único dia. A justificativa apresentada pelo jornal para os elevados números de mortes nesses bairros foi o estado prévio de saúde dos infectados<sup>30</sup>. *O Norte* atribuiu os óbitos às comorbidades presentes entre os doentes, sugerindo que essas condições agravavam o quadro clínico, resultando em um desfecho fatal. Mesmo assim, a publicação insistiu em reforçar a narrativa de que a epidemia estava enfraquecendo, mesmo nos locais mais persistentes, “Continúa bem assinalado o declinio da influenza Hespanhola. Mesmo nos arredores da cidade, onde a epidemia apresentava poucos symptomas de enfraquecimento, já tende a diminuir” (O NORTE, 12 nov. 1918, p. 1).

Essa postura de *O Norte* evidencia, mais uma vez, sua tentativa de minimizar os impactos da gripe espanhola, ao mesmo tempo, em que sustenta o discurso de controle e eficácia das medidas sanitárias adotadas pelas autoridades. Todavia, a persistência da doença nas áreas periféricas da cidade demonstra a complexidade do cenário, caracterizado por desigualdades estruturais que dificultavam uma resposta homogenia à epidemia. A insistência em retratar o declínio da doença como generalizado, enquanto reconhecia as mortes em bairros pobres, reflete um esforço de alinhar-se ao discurso oficial de “normalização”, mesmo que a realidade dos mais vulnerais contradisse essa narrativa.

No dia 17 de novembro de 1918, a partir da edição 3060 do jornal, nota-se uma redução na frequência de notícias sobre a gripe espanhola, que antes ocupava lugar central em praticamente todas as edições do periódico. A doença começa a perder protagonismo, e a

---

<sup>30</sup> “Hontem notificaram-se 12 obitos em consequencia da insidiosa molestia, todos nos suburbios. Tem-se verificado que os indivi duos fallecidos ultimamente victimas de influenza, eram quasi todos portadores de outras doenças que se agravaram com os assaltos da gripe, ou que soffreram recahidas.” (O NORTE, 12 nov. 1918, p. 1).

cobertura sobre ela passa a ser algo mais esporádico e secundário. Essa mudança de enfoque se concretiza na edição de 21 de novembro, em que a manchete denominada “Saúde Pública” substitui o tradicional título “Influenza Hespanhola”, que eram sempre relacionados a notícias ruins. Essa nova abordagem marca uma nova abordagem com tom de tranquilidade, evidenciando a percepção de que a cidade estava retomando sua rotina, com os cinemas reabertos, a movimentação nas farmácias estabilizada e o declínio de óbitos atribuídos à doença.

Nessa manchete “Saúde Pública”, *O Norte* elogia de forma enfática as ações do governo estadual e, em especial, as medidas lideradas pelo presidente do Estado. O texto é permeado por uma narrativa otimista e celebratória, destacando a vigilância e o zelo das autoridades durante a crise sanitária. A manchete, que assume um tom quase festivo, afirma:

O governo, diga-se a verdade, tem sido de uma vigilancia a toda prova e de um zelo perfeitamente a altura da gravidade aterradora dessa epidemia que, graças a Deus, está quasi jugulada.

O sr. dr. Camillo de Hollanda, medico que é, enxergando o perigo e encarando a situação com inex-cedivel solicitude, expediu provi-dencias e suggeriu medidas aos seus auxiliares ao mesmo tempo que sahiu a verificar de visu a ap-plicação dos meios sanitarios em pregados pela sciencia e aconselhados pela razão.

[...] A nossa população, pois, não esteve abandonada ao flagello.

Já estamos certos que o governo vai providenciar no sentido de fazer a desinfecção da cidade e da totalidade dos domicílios urbanos, e esta medida effectivamente se impõe para complemento dos recursos scientificas empregados.

Talvez já seja tempo de nos congratularmos com a capital pelo restabelecimento da saúde publica (*O NORTE*, 21 nov. 1918, p. 1).

Esses tipos de discursos reafirmam o papel central de Camillo de Hollanda na narrativa construída pelo jornal, atribuindo a ele a responsabilidade pelo controle da epidemia e a recuperação da saúde pública. A ênfase na vigilância e nas medidas sanitárias reforça a construção de uma imagem política positiva e paternalista. A publicação sugere que a desinfecção completa da cidade e dos domicílios urbanos seria a etapa final para garantir a plena recuperação da capital, consolidando assim uma narrativa de eficiência administrativa.

Além disso, na mesma edição, o periódico insere um texto de tom cômico e satírico para com a doença. Com o título "Aventura de um Influenzado", *O Norte* relata:

Joaquim José dos Santos, trabalhador no eito do Engenho Central, teve, como tantos outros, a desventura de ser atingido pela epidemia reinante e da qual se **salvou apenas com a pelle e os ossos, estando por isso impossibilitado, por ora, de se empregar em qualquer serviço.**

Premido pela necessidade, o pobre homem pensou em convalescer na casa de uma filha, moradora em Bocca da Matta, na propriedade do major Yoyô Gama, subdelegad local, e para ali se dirigia com a mochila de roupa às costas, quando viu interceptada a sua viagem pelo cabo do destacamento da Ilha do Bispo, que o prendeu como suspeito de gatunice.

E o influenzado Joaquim José está convalescendo na cadeia publica sob os cuidados paternas do dr. João Cancio (O NORTE, 21 nov. 1918, p. 1. Grifos nossos).

Durante nossas análises, pelo menos no material que enconstramos, observamos que essa foi a primeira vez que o jornal “brincou” com a doença, o que era muito comum em outros estados. A inclusão de tal narrativa cômica era uma prática comum na imprensa de outras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e Salvador, onde charges e textos cômicos abordavam frequentemente a doença, retratando-a, por exemplo, como uma “bailarina” que causava ciúmes ou transformando-a em tema de marchinhas de carnaval e canções de maxixe. Conforme apontam Schwarcz & Starling (2020), o humor foi uma estratégia adotada em vários contextos urbanos para lidar com a tragédia.

"[...] nem o governo nem os serviços sanitários foram capazes de lidar com a violência imposta pela peste, que, sem sinal de controle, instaurou um quadro de desordem pública. Mas o humor dos cariocas não se abalou, e eles agiam com irreverência diante do drama diuturno da moléstia. Muitos brincavam com a dita espanhola, que, na falta de maiores esclarecimentos, provocava até reações de “ciúmes”. E assim o caos social virou material fértil a ser explorado pelos jornais, E assim o caos social virou material fértil a ser explorado pelos jornais, pelos humoristas e por grupos políticos que faziam oposição ao governo Venceslau Brás." (Schwarcz; Starling, 2020, p. 110).

Essas abordagens – a celebração das ações do governo e a inclusão de histórias satíricas – ilustram a transição do *O Norte* para uma cobertura menos informativa-alarmista e mais diversificada. Enquanto a doença ainda era uma realidade em bairros periféricos e entre a população marginalizada, o jornal, em sua tentativa de promover um sentimento de normalidade e controle, reduziu o foco na gravidade da situação, desviando-se de temas exclusivamente médicos para narrativas mais leves e elogiosas. Assim, a construção discursiva de *O Norte* reforça seu alinhamento político com as autoridades estaduais, enquanto gradualmente distânciaria a gripe espanhola do centro de suas publicações.

Nas edições subsequentes de *O Norte*, a narrativa sobre a *influenza hespanhola* na capital tornou-se cada vez mais marcada por um tom de otimismo e sinalizando sua quase extinção. Em um dos exemplos mais chamativos, o periódico transcreveu uma matéria publicada no *Jornal do Recife*, que exaltava os esforços do presidente do Estado, Camillo de Hollana, no enfrentamento da crise sanitária. O texto transcrita trazia uma avaliação elogiosa das ações de Hollana e de sua administração:

As ultimas noticias aqui chegadas, vindas do vizinho Estado da Parahyba, trazem a nova de que, **graças aos esforços do illustre dr. Camillo de Hollana**, preclaro presidente daquella unidade da Federação e de seus dignos auxiliares, a epidemia da influenza hespanhola está ali quasi extinta.

Nós que acompanhamos com vivo interesse a marcha evolutiva do glorioso Estado, entregue á direcção do dr. Camillo de Hollana, não podemos deixar de tecer louvores a esse governo que é um exemplo vivo de honestidade e patriotismo (Do <Jornal do Recife>). (O NORTE, 26 nov. 1918, p. 1, Grifos nossos)

A transcrição reforça a articulação discursiva de *O Norte* em alinhamento com as autoridades estaduais, especialmente no que diz respeito à figura de Camillo de Hollana. O tom de exaltação, presente no *Jornal do Recife*, não apenas celebrava o sucesso das medidas governamentais, mas também ajudava a consolidar a imagem do presidente do Estado como um líder eficiente e dedicado ao bem-estar da população.

Desde o início da pandemia na capital, *O Norte* manteve uma narrativa que destacava as ações do presidente do Estado e de sua administração, enquanto minimizava as críticas ou lacunas no enfrentamento da crise. A reprodução da matéria do *Jornal do Recife* ilustra como *O Norte* buscava legitimar sua própria narrativa por meio de um reconhecimento externo, reiterando sua confiança na condução da pandemia pelas autoridades estaduais.

Além disso, o foco na “quase extinção” da doença e nos “esforços” das lideranças políticas sugere uma tentativa de distanciar a crise sanitária da esfera pública, promovendo uma ideia de superação e retomada da normalidade. Essa construção discursiva também atuava como uma forma de assegurar a confiança da população nas instituições e na liderança política, reafirmando o papel de Camillo de Hollana como um símbolo de estabilidade em um momento de incerteza.

No encerramento do mês de novembro de 1918, o jornal *O Norte* publicou uma tabela elaborada pelo médico Dr. Silvino Nóbrega, cujo objetivo era mapear as mortes ocorridas na Cidade da Parahyba entre 1º de junho e 22 de novembro daquele ano. A tabela, baseada em

análise de obituários, fornece um panorama quantitativo das mortes gerais e especificamente atribuídas à *influenza hespanhola*. Os dados apresentados pelo jornal são os seguintes:

**Quadro 1:** Contabilização de óbitos segundo o Dr. Silvino Nóbrega  
(01 de junho e 22 de novembro)

Mês	Total dos Óbitos	Óbitos ocasionados pela Influenza
Junho	71	0
Julho	90	0
Agosto	77	0
Setembro	60	0
Outubro	156	55
Novembro	191	128

Fonte: Quadro elaborado por nós a partir dos dados do Jornal O NORTE, 27 nov. 1918, p. 2

Como podemos observar no Quadro I, os números destacam o impacto da doença na capital da Paraíba, especialmente nos meses de outubro e novembro. Até setembro de 1918, os registros de óbitos relacionados à doença eram inexistentes, evidenciando que a epidemia ainda não havia alcançado a região. Contudo, a chegada da gripe em outubro marcou uma significativa mudança, com um aumento expressivo no número de mortes. Segundo *O Norte*, a primeira morte atribuída à doença foi registrada em 13 de outubro de 1918.

O mês de novembro, apesar das notícias que indicavam um declínio no contágio, foi o período com o maior número de óbitos pela influenza. Das 191 mortes registradas até o dia 22, 128 foram atribuídas à pandemia, o que representa 67% do total de óbitos do período<sup>31</sup>. Esses dados indicam que, mesmo com a redução do número de infectados noticiada pelo jornal, a gravidade dos casos ainda resultava em alta mortalidade.

O aumento nos números de outubro e novembro demonstra não apenas a rápida propagação da doença, mas também as dificuldades enfrentadas na contenção e tratamento da doença. A publicação desses dados por *O Norte* pode ser interpretada como uma tentativa de documentar os efeitos da pandemia, ainda que o jornal já estivesse, naquele momento, priorizando narrativas de controle e superação. A divulgação de informações organizadas por

<sup>31</sup> Na edição do dia 04 de dezembro de 1918, *O Norte* publica o quantitativo geral dos sepultamentos no Cemitério do Senhor da Boa Sentença no mês de novembro, no qual informa que sepultados 223 cadáveres, sendo apenas 145 mortos por causa da influenza hespanhola (O NORTE, 04 dez. 1918, p. 1).

meio de um especialista também contribui para legitimar a cobertura jornalística e conferir um tom de autoridade científica ao discurso do periódico.

O mês de dezembro de 1918 marca uma mudança na cobertura da gripe pelo jornal *O Norte*. Das 18 edições analisadas, apenas seis apresentaram informativos relacionados à doença, evidenciando um silêncio crescente sobre um tema que havia dominado as páginas do periódico nos meses anteriores. O tom predominante é de tranquilidade, reforçando a ideia, já destacada em novembro, de que a epidemia estaria praticamente extinta na capital. Contudo, as edições que mencionam a gripe apontam para uma realidade distinta nas regiões interiores do estado da Paraíba, onde a doença continuava a causar danos.

Em algumas edições, o jornal trouxe informações sobre os custos associados ao enfrentamento da pandemia na capital, destacando que o governo estadual gastou cerca 368\$000 apenas com transporte de cadáveres de indigentes vítimas da gripe (*O NORTE*, 7 dez. 1918, p. 1).

A pandemia também afetou os eventos religiosos na capital. A tradicional Festa da Penha, uma das mais importantes celebrações locais, foi adiada para janeiro de 1919, conforme comunicado oficial publicado pelo jornal no dia 15 de dezembro. A decisão foi tomada pelas autoridades devido ao receio para com a doença.

Ao relatar a propagação da doença pelos sertões paraibanos, o jornal demonstra que a doença estava longe de ser extinta no estado. *O Norte* informa que não havia uma localidade no interior paraibano que não tivesse sido atingida pela influenza<sup>32</sup>. Algumas cidades enfrentavam situações alarmantes: Patos registrava a gripe "grassando com intensidade", enquanto Cajazeiras vivia "consequências funestas do terrível morbus". Em São José de Piranhas, a situação era descrita como "angustiante e vexatória". Campina Grande, Itabaiana e Soledade também enfrentavam casos fatais da doença, sendo que esta última sofria com uma crise sanitária agravada por surtos de varíola e cólera.

A cidade de Conceição apresentava um cenário ainda mais crítico, com mais de 2.000 casos registrados de gripe espanhola. O impacto na economia local foi significativo, levando comerciantes a enviar apelos ao presidente do estado, Camillo de Hollanda, pedindo medidas profiláticas para controlar a epidemia. Já na Vila da Misericórdia (atual Itaporanga), a situação era semelhante, com a gripe e a varíola assolando a população. Um abaixo-assinado com 56 assinaturas foi encaminhado ao governo estadual solicitando providências urgentes, já que a

---

<sup>32</sup> "Um só recanto hoje não existe no interior da Paraíba que não esteja a braços com a terrível peste." (*O NORTE*, 13 dez. 1918, p. 1).

vila não dispunha de recursos sanitários para enfrentar as doenças (O NORTE, 17 dez. 1918, p. 1).

Assim, ao final de 1918, embora *O Norte* tenha reduzido significativamente a atenção dada à epidemia, os relatos dispersos sobre o avanço da gripe no interior do estado revelam que a pandemia ainda era uma ameaça. A capital, que havia sido o epicentro inicial, começou a vislumbrar um retorno à normalidade, enquanto as áreas do sertão continuavam enfrentando as graves consequências da doença.

No próximo capítulo, será analisado, a partir das publicações no jornal *O Norte*, o contexto das artes de curar, englobando tanto os métodos populares quanto as intervenções médicas e outras práticas adotadas no enfrentamento da pandemia de influenza na Cidade da Parahyba. Essa análise será realizada com base nas propagandas e manchetes veiculadas pelo periódico, visando identificar as formas de cura e prevenção divulgadas e recomendadas à população da cidade.

#### 4. PUBLICAÇÕES QUE CURAM: AS PRÁTICAS DE CURA E REMÉDIOS NO COMBATE À *INFLUENZA HESPAÑOLA* NO JORNAL *O NORTE*

[...] Os profissionais de saúde estavam perplexos e atarantados, e a população sentia-se anormalmente insegura. O cotidiano fora reduzido a medo e confusão, e, quando a espanhola levou o pânico para dentro das casas, as pessoas perceberam-se vulneráveis e se dispuseram a experimentar todo tipo de chá e remédio caseiro, mezinha ou beberagem. (Schwarcz & Starling, 2020, p. 68)

##### 4.1 A Busca por uma Cura

A crise desencadeada pela *Influenza Hespanhola* em 1918 e sua rápida disseminação exerceram enorme pressão sobre a sociedade, tornando a busca por uma solução uma questão de urgência. A pergunta que ecoava era inevitável: como deter a doença e restaurar a normalidade? Esse clamor reflete um padrão recorrente na história: a procura por soluções simples e rápidas diante de crises de saúde.

Segundo Schwarcz & Starling (2020), o desejo por curas milagrosas e tratamentos infalíveis transcende épocas e culturas, simbolizando a esperança contínua de superar enfermidades. No caso da pandemia de *Influenza Hespanhola*, esse anseio tornou-se particularmente excessivo, dada a incerteza e a gravidade da situação.

No Brasil, essa busca por respostas gerou uma mobilização sem precedentes, que se espalhou nas páginas da imprensa, como o jornal *O Norte*. As publicações passaram a desempenhar um papel central na disseminação de informações sobre os esforços para conter a epidemia. Segundo Schwarcz & Starling, "os jornais passaram a publicar a escala diária de médicos, farmácias e postos de saúde tal como determinado pelas autoridades sanitárias" (2020, p. 68). Contudo, o avanço da doença expôs a fragilidade das estruturas de saúde pública e a limitação das respostas médicas.

Uma das dificuldades centrais no combate à gripe espanhola foi a própria natureza da transmissão do vírus, que dificultava o controle eficaz. Como descreve Barry (2020), que aponta os desafios impostos pela gripe, evidenciando como a falta de conhecimento sobre a transmissão do vírus contribuiu para a disseminação descontrolada:

[...] não há uma resposta simples. O vírus é transportado pelo ar, então pode ser inalado — e esse parece ser o principal modo de transmissão. Mas ele

também sobrevive em superfícies — em uma maçaneta ou em uma lata de cerveja, por exemplo — por horas ou, dependendo da temperatura e da umidade, por dias. Pode, portanto, ser transmitido por alguém que dá um bocejo e depois abre a porta. O único jeito de evitar a transmissão é o isolamento social completo por seis a dez semanas depois do surgimento de um surto em determinada comunidade — o que significaria nada de entregas em domicílio, nada de ir à rua ou coisa do tipo. O problema é que isso era inviável. (Barry, 2020, p. 641)

A realidade enfrentada no Brasil não se restringia apenas à falta de medicamentos eficazes. As farmácias permaneciam, frequentemente, fechadas devido à escassez de funcionários, o número de casos aumentava exponencialmente, e a quantidade insuficiente de médicos era incapaz de atender à demanda. A natureza desconhecida da doença e as dificuldades em implementar medidas de isolamento social eficazes agravavam a situação, levando a uma sucessão de falhas no enfrentamento da epidemia.

Farmácias não abriam por falta de funcionários, o número de casos crescia, não havia médicos em quantidade suficiente, os hospitais já estavam sem estrutura para o volume de atendimentos ou internações. Sabia-se pouco sobre a espanhola, as respostas dos médicos eram insuficientes naquele momento (Schwarcz; Starling, 2020, p. 68).

A insuficiência das respostas médicas e a carência de recursos adequados transformaram a luta contra a gripe espanhola em um esforço desarticulado, alimentado por um misto de esperança e desespero. Essa conjuntura revela a complexidade das crises sanitárias e a maneira como elas pressionam não apenas as instituições de saúde, mas também a sociedade em geral, que, diante do medo e da incerteza, recorre a todo tipo de tentativa para recuperar a normalidade.

#### 4.2 Receitas, Remédios Caseiros e Outros Tratamentos Médicos

Na Cidade da Paraíba, os primeiros casos de gripe espanhola foram anunciados pelo jornal *O Norte* em 10 de outubro de 1918. Contudo, a preocupação com a disseminação da doença antecedeu sua chegada ao território paraibano. Demonstrando uma postura de preocupação, o periódico passou a divulgar medidas preventivas antes mesmo da confirmação de casos locais, refletindo a urgência em mitigar os efeitos de uma epidemia que se alastrava rapidamente por diferentes estados brasileiros.

Em sua edição de 8 de outubro de 1918, *O Norte* transcreveu receitas provenientes do *Jornal do Recife*, visando alertar e instruir a população paraibana sobre possíveis formas de prevenção e tratamento. Uma das receitas, intitulada *Preservativo*, recomendava adicionar

enxofre à água utilizada para beber e cozinhar. Além disso, orientava a preparação de uma solução alcoólica composta por cascas de dois limões, uma colher de chá de erva-doce e uma colher de sopa de tintura de *Bryonia*<sup>33</sup>. Essa mistura deveria ser ingerida em doses de seis gotas diluídas em um cálice de água, duas vezes ao dia, como forma de prevenção. O jornal afirmava que, caso a doença se manifestasse, essa receita prometia um curso mais brando da enfermidade.

Para aqueles que já apresentassem sintomas, a publicação também fornecia um protocolo denominado *No Caso Prático*. Este consistia na aplicação imediata de um purgante de água, seguida, duas horas depois, de lavagens intestinais realizadas com um litro de água morna ou um cozimento de pimenta-d'água, acrescido de uma colher de sopa de glicerina. O detalhamento das instruções indica a tentativa de sistematizar o cuidado, apesar das limitações científicas e da evidente falta de medicamentos eficazes à época.

Além das receitas, na mesma edição, o jornal forneceu informações sobre os sintomas da gripe espanhola, extraídas do *Jornal do Est. de São Paulo*. Conforme descrito, a doença se manifestava clinicamente com uma "elevação brusca de temperatura, cefaleia, cansaço e grande irritação das vias respiratórias superiores". Esses sintomas persistiam por um período de três a quatro dias, deixando uma "astenia formidável"<sup>34</sup> como sequela.

Durante a pandemia de 1918, a busca por formas de tratamento e alívio dos sintomas revelou não apenas a precariedade do conhecimento médico da época, mas também a forte influência da medicina popular nas práticas de saúde da população. *O Norte*, ao mesmo tempo, em que destacava a necessidade de medidas como o isolamento dos infectados e a restrição de uso compartilhado de utensílios — copos, talheres:

Nas casas de famílias, das quaes são numerosas as que têm um ou mais doentes as providencias para garantir as pessoas ainda immunes, consistem principalmente no isolamento dos affectados e separação completa dos utensílios de uso, taes como copos, louça, colheres etc. (O NORTE, 09 out. 1918, p. 1)

Também oferecia espaço significativo para a divulgação de fórmulas caseiras e receitas populares de medicação. Na edição de 9 de outubro de 1918, o periódico publicou recomendações específicas que evidenciavam essa confiança na medicina caseira:

Diversas fórmulas caseiras têm sido usadas com resultado; xarope de limão (o caldo dum limão fervido numa xícara d'água com duas colheres de açúcar).

<sup>33</sup> Óleo extraído de um tipo de videira chamado *Bryonia alba*, conhecido por suas propriedades anti-inflamatórias e analgésicas (Sitiniki, 2020. Disponível em: <<https://l1nq.com/iN84E>>).

<sup>34</sup> Termo que denotava o intenso estado de fraqueza relatado por pacientes.

Na falta do fruto, a decocção das folhas tem sido também aplicada com sucesso, bem como o alho em decocção e quase todas as mesinhas conhecidas contra os ataques comuns da gripe (O NORTE, 09 out. 1918, p. 1).

A insistência nessas práticas reflete, ao que tudo indica, as dificuldades da medicina institucionalizada em identificar e tratar a nova doença, o que levou a população a recorrer a soluções populares. Um exemplo emblemático é a criação da caipirinha que, segundo o Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC), teria se originado como um remédio caseiro durante a pandemia. Inicialmente composta de limão, mel e cachaça, algumas versões da receita incluíam alho como ingrediente complementar. Essa mistura era utilizada em São Paulo como uma tentativa de combater os efeitos da gripe espanhola e se tornou amplamente conhecida, sendo popularizada nacionalmente após a Semana de Arte Moderna, em 1922<sup>35</sup>.

Embora as receitas carecessem de comprovação científica na época, sabe-se hoje que ingredientes como mel e limão possuem propriedades benéficas. O mel, por exemplo, tem efeitos antibacterianos e é um eficaz eliminador de tosse, enquanto o limão é rico em vitamina C, contribuindo para o fortalecimento da imunidade. Assim, o uso dessas substâncias, mesmo que rudimentar, pode ter contribuído para a amenização de alguns sintomas da doença.

No entanto, a popularidade desses tratamentos caseiros também teve impactos econômicos significativos, especialmente no aumento dos preços de ingredientes-chave. *O Norte* denunciou a elevação abusiva do preço do limão: “Nos ultimos dias escassearam bastante os limões, que estavam custando hontem cada um 200, 300 rs. e até mais.” (O NORTE, 09 out. 1918, p. 1), dificultando o acesso de parte da população a esses itens essenciais.

Como analisamos no capítulo anterior, o avanço da gripe espanhola na Cidade da Paraíba trouxe severas consequências para o cotidiano urbano. Nesse contexto de desestruturação social e econômica, o jornal *O Norte* intensificou a divulgação de orientações preventivas, destacando medidas profiláticas como o uso de quinino, óleo de eucalipto, lavagem nasal e desinfecção da garganta. Essas recomendações surgiram em meio à crescente preocupação com a situação no Rio de Janeiro, onde a epidemia já alcançava proporções catastróficas (O NORTE, 18 out. 1918, p. 1).

O quinino<sup>36</sup>, amplamente utilizado como tratamento contra a malária, emergiu como um dos medicamentos mais promovidos para o enfrentamento da gripe espanhola. Na ausência de

---

<sup>35</sup> Instituto Brasileiro da Cachaça. Disponível em: <<https://ibrac.net/curiosidades>>. Acesso em: 09/01/2025.

<sup>36</sup> O quinino, também conhecido como sulfato de quinina, é um alcaloide de sabor amargo e sem cheiro, geralmente encontrado na forma de pó branco. Reconhecido por suas propriedades antitérmicas e analgésicas, trata arritmias cardíacas e a malária (Museu da Vida - Fiocruz. Disponível em: <<https://encr.pw/gL1xx>> Acesso em: 26/10/2024).

tratamentos específicos comprovados, as autoridades médico-sanitárias e a imprensa elevaram o quinino à posição de "santo remédio".

De acordo com Bertucci (2016), durante a segunda metade de outubro de 1918, medicamentos que continham sais de quinino adaptaram suas propagandas para sugerir eficácia contra a gripe espanhola. As propagandas enfatizavam os benefícios do medicamento em controlar a febre e manter as vias respiratórias desobstruídas, reforçando uma narrativa médico-científica que legitimava o uso desses compostos. Como observa Bertucci:

Nessa situação, vários medicamentos oficialmente aprovados pelas autoridades médico-sanitárias para diferentes finalidades foram anunciados pelos seus fabricantes como eficientes para tratar a gripe espanhola ou colaborar para a prevenção desta moléstia. Com o aval indireto das palavras dos comunicados oficiais e das frases difundidas pelos Conselhos ao Povo, esses produtos prometiam controlar a febre, manter as vias respiratórias limpas e o organismo funcionando 'sem excesso'. (2016, p. 187).

O *Serviço Sanitário de São Paulo* foi um dos órgãos que recomendou o uso do sal de quinino como medida preventiva contra a gripe, destacando que a administração do composto deveria ocorrer durante as refeições para minimizar os efeitos colaterais, como zumbidos nos ouvidos e tremores (O ESTADO DE SÃO PAULO, 16 out. 1918, p. 5).

Inspirado por essas orientações e pela crescente popularidade do medicamento, o médico Dr. Flávio Maroja<sup>37</sup> também recomendou o uso do quinino para enfrentar a pandemia na Cidade da Parahyba. *O Norte* seguiu destacando o quinino como uma cura eficaz para a doença, reforçando sua importância no combate à epidemia: O illustre sr. dr. Flavio Marója, aum dos nossos medicos que têm acompanhado com mais interesse o desenvolvimento da epidemia nesta capital, aconselha o uso do quinino para a cura radical dessa moléstia. (O NORTE, 27 out. 1918, p. 1)

Contudo, a ampla divulgação do quinino também refletia os limites do conhecimento científico da época e a intensa busca por soluções em meio à incerteza. A promoção massiva desse medicamento evidencia o papel ambíguo da imprensa durante a pandemia: ao mesmo tempo, em que contribuía para disseminar informações úteis e manter a população informada, também alimentava expectativas em torno de tratamentos cuja eficácia era questionável. A propagação de uma "possível" cura não apenas trazia alívio psicológico para uma população, mas também oferecia oportunidades lucrativas para empresas farmacêuticas.

---

<sup>37</sup> Dr. Flávio Maroja, foi um médico e político paraibano que foi eleito para outros dois mandatos na Assembleia Legislativa durante a década de 1910 e 1920. Durante o ano de 1918, no auge da gripe na cidade da Parahyba atuará bastante no auxílio aos doentes.

Na edição de 24 de outubro de 1918, *O Norte* destacou, com firme convicção, a eficácia do óleo de rícino<sup>38</sup> como tratamento contra a gripe espanhola, sendo apontado como o purgativo que obteve os melhores resultados até aquele momento. O periódico enfatizou que, além de sua eficácia, o óleo de rícino se destacava por ser um medicamento de baixo custo e de comprovada pureza, sendo recomendado para aqueles acometidos pela doença<sup>39</sup>.

Com o aumento da divulgação dos supostos benefícios do óleo de rícino, o Dr. Flávio Maroja, em outra edição do jornal, relatou que, durante sua visita à cidade de Santa Rita, observou que a maioria dos pacientes infectados pela gripe naquela localidade, particularmente entre as classes populares, obteve uma recuperação notável ao ser tratada com o purgativo de rícino. O Dr. Maroja, durante uma palestra, afirmou que a epidemia em Santa Rita atingiu um número maior “das classes humildes”, e se apresentava com um caráter benigno, o que, segundo ele, se devia ao uso do óleo como tratamento eficaz:

o illustre sr. dr. Flavio Maroja, que esteve recentemente em Santa Rita, em contacto com uma centena de grippados, disse-nos que a epidemia alli é de **caracter evidentemente benigno**. O deputado clinico, chegou a observar **que a maioria dos doentes de influenza naquella villa, gente das classes humildes da sociedade**, se tem curado com um simples **purgativo de ricino** (O NORTE, 06 nov. 1918, p. 1. Grifos nossos).

Outro medicamento amplamente divulgado como alternativa terapêutica, durante a epidemia de gripe espanhola, foi o *Extrato Tonsilar* do Dr. Érico Coelho, associado ao Instituto Butantan. Em 30 de outubro de 1918, o jornal *O Norte* apresentou o medicamento como uma solução promissora no enfrentamento da doença, destacando: “O Dr. Érico Coelho tem aplicado com grandes resultados o extrato tonsilar, ou das amígdalas do carneiro e das vitelas, na entrada da influenza pneumônica” (O NORTE, 30 out. 1918, p. 1).

A cidade vivenciava um cenário de profunda amargura diante do avanço da epidemia: ruas desertas, escolas com suas atividades paralisadas, comércios fechados e igrejas silenciosas. Em meio a esse ambiente de incerteza, as recomendações médicas tornaram-se cada vez mais inusitadas e, muitas vezes, pautadas mais na tentativa de oferecer alguma solução do que em evidências científicas.

---

<sup>38</sup> Óleo vegetal extraído das sementes da planta *Ricinus Communis*, geralmente é indicado para aliviar sintomas da artrite e tem propriedades anti-inflamatórias e analgésicas. (Ferreira, 2023.)

<sup>39</sup> “De todos os purgativos usados para combater a influenza, nenhum até aqui demonstrou melhores resultados do que o óleo de rícino. Tratando-se de um remédio barato e de incontestável pureza, devem preferi-lo quantos forem acometidos do insidioso morbus” (O NORTE, 24 out. 1918, p. 1).

No dia 19 de outubro de 1918, o jornal veiculou uma matéria informando que alguns médicos aconselhavam que os pacientes acometidos pela *influenza hespanhola* seguissem uma dieta estritamente líquida e, de preferência, láctea. A justificativa para tal recomendação era a crença de que essa dieta contribuiria para o melhor funcionamento do organismo e do sistema digestivo dos doentes: “Dizem alguns médicos que a alimentação dos doentes de influenza deve ser exclusivamente líquida e de preferência láctea” (O NORTE, 19 out. 1918, p. 1).

O destaque dado a essa orientação dietética pelo periódico coincidiu com o aumento da presença de propagandas de produtos lácteos da Nestlé nas páginas do próprio jornal. As peças publicitárias enfatizavam que os produtos da empresa eram amplamente reconhecidos por sua qualidade e benefícios nutricionais, sendo promovidos como ideais para crianças e adultos e convalescentes.

**Imagen 2:** Propaganda da Nestle



Fonte: O NORTE, 19 out. 1918, p. 2

O discurso das propagandas reforçava o poder e a reputação global da Nestlé, sugerindo e intencionando, mesmo que não explícito, que seus produtos representavam uma alternativa segura e eficaz para os pacientes debilitados pela epidemia.

Desde o século XIX, era uma prática comum entre os periódicos reproduzir e se inspirar em matérias de outros jornais, especialmente no que dizia respeito a tratamentos e medidas preventivas contra doenças. No dia 16 de outubro de 1918, a redação do *O Norte* teve acesso a um telegrama publicado por jornais do Rio de Janeiro, o qual informava que médicos do exército brasileiro estavam recomendando o uso do fumo como um método de prevenção contra a doença.

Diante dessa afirmação inusitada, do uso do fumo, a equipe de *O Norte* decidiu realizar uma investigação própria para averiguar a possível eficácia do tabaco como agente protetor contra a pandemia. Como parte desse processo investigativo, um de seus jornalistas<sup>40</sup>, que mantinha contato direto e frequente com indivíduos acometidos pela influenza para relatar a

<sup>40</sup> Infelizmente, a nossa fonte de pesquisa não aponta o nome do jornalista.

progressão da enfermidade, verificou que, apesar da exposição, ele próprio – sendo fumante – não havia contraído a doença. Esse dado levou o jornal a aprofundar a pesquisa por meio de um levantamento empírico: o repórter percorreu diversas fábricas de cigarros na Cidade da Parahyba e entrevistou os proprietários sobre a saúde de seus operários. O resultado da investigação foi surpreendente para a redação do jornal: nenhum dos funcionários das fábricas havia sido infectado pela gripe.

Com base nessas constatações, *O Norte* publicou uma matéria afirmando, sem hesitação, que a nicotina atuava como um excelente desinfectante corporal. A argumentação utilizada pelo periódico sustentava-se na observação de que, mesmo trabalhando em ambientes fechados e em contato próximo uns com os outros, os operários das fábricas de cigarros não haviam sido afetados pela epidemia. A conclusão foi divulgada de forma categórica:

A vista do sucesso do inquerito não temos duvida em affirmar que **a nicotina é um óptimo desinfectante**, pois só assim se explica o facto de trabalharem agglomerados, como na fabrica Popular, mais de 100 operarios, sem se verificar um só caso da impertinente bailarina<sup>41</sup>. (*O NORTE*, 20 out. 1918, p. 1. Grifos nossos)

A reportagem evidencia tanto o impacto das crenças médicas da época na construção das narrativas jornalísticas quanto a fragilidade dos métodos de investigação utilizados para validar recomendações terapêuticas. A ausência de um embasamento científico rigoroso, aliada à urgência em encontrar soluções para a pandemia, permitiu que suposições como essa fossem amplamente disseminadas.

Assim como a hipótese da nicotina, diversas possibilidades médicas foram levantadas na tentativa de compreender a disseminação da doença e encontrar possíveis formas de imunização. Entre essas estimativas, destaca-se a do Dr. Almeida Couto, médico clínico do Rio de Janeiro, que, em um telegrama enviado a jornais locais e reproduzido por *O Norte*, sugeriu uma possível correlação entre a vacinação contra a varíola e uma suposta imunidade para com a influenza. Segundo o médico, havia indícios de que indivíduos recentemente vacinados contra a varíola apresentavam maior resistência à gripe espanhola, levantando a hipótese de que o imunizante pudesse conferir alguma proteção cruzada contra a nova epidemia.

---

<sup>41</sup> A moléstia foi chamada também de “bailarina” — porque dançava e se disseminava em larga escala, e porque o vírus deslizava com facilidade para o interior das células do hospedeiro e se alterava ao longo do tempo e nos vários lugares em que incidia —, de ‘gripe pneumônica’, ‘peste pneumônica’, ‘grande influenza’, ou, simplesmente, de ‘espanhola’.” (Schwarcz & Starling, 2020, p. 25)

A especulação foi registrada na edição de *O Norte* do dia 9 de novembro de 1918, na qual o periódico transcreveu a afirmação do Dr. Almeida Couto: “Há também quem afirme, com autoridade, ter verificado certa imunidade em relação à gripe epidêmica por parte de pessoas às quais tenha sido recentemente aplicada a vacina contra a varíola.” (O NORTE, 09 nov. 1918, p. 1)

Entretanto, a hipótese não se confirmou cientificamente. A varíola, causada pelo *orthopoxvirus variolae*, e a gripe, provocada pelo vírus *influenza*, são doenças distintas, sem qualquer relação imunológica que pudesse justificar uma proteção cruzada entre as duas enfermidades. A crença na eficácia da vacinação contra a varíola como medida protetiva contra a gripe reflete tanto o desconhecimento virológico da época quanto a necessidade urgente de encontrar alternativas para mitigar os impactos da pandemia.

As páginas do *O Norte* eram amplamente ocupadas por anúncios publicitários, que abrangiam desde estabelecimentos comerciais e casas de lazer, como cinemas, até farmácias. No contexto da pandemia de gripe espanhola, um aspecto que se destacou foi a intensa veiculação de propagandas de medicamentos que se apresentavam como soluções eficazes contra a doença que assolava a cidade. Entre os produtos mais promovidos, destacavam-se o *Bromocalyptus* e a *Emulsão de Scott*.

O *Bromocalyptus*, em particular, recebeu ampla divulgação. Desenvolvido em 1870 (A UNIÃO, 20 set. 1917, p. 3), era apresentado como o mais poderoso antisséptico dos brônquios, sendo recomendado para o tratamento da tosse, bronquites e influenza. A partir de 15 de outubro de 1918, sua publicidade passou a aparecer regularmente nas edições de *O Norte*, persistindo até o final daquele ano.

A estratégia publicitária do medicamento baseava-se em apelos diretos à população, utilizando uma linguagem persuasiva e promissora. Em um dos anúncios, lia-se: “Influenza Hespanhola? Usae BROMOCALYPTUS. O BROMOCALYPTUS extingue em poucas horas a tosse dos INFLUENZADOS.” (O NORTE, 28 nov. 1918, p. 2). Além da promessa de alívio dos sintomas, o preço acessível — cerca de 2\$000 — e a ampla disponibilidade nas farmácias locais tornavam o produto ainda mais atrativo para a população.

A *Emulsão de Scott*<sup>42</sup> também recebeu ampla divulgação no período da pandemia de gripe espanhola. A partir de 15 de outubro de 1918, sua propaganda começou a ser veiculada nas edições do *O Norte*, mas, inicialmente, não era associada ao tratamento da influenza, e sim

---

<sup>42</sup> Um dos medicamentos mais antigos do mundo, tem sua comercialização iniciada em 1830 nos Estados Unidos. Sua composição é a base de óleo de fígado de bacalhau e age na prevenção e tratamento das doenças que atingem as vitaminas A e D (Biserra, 2016).

promovida para outras enfermidades<sup>43</sup>. No entanto, a narrativa publicitária do medicamento passou por uma significativa alteração a partir de 26 de novembro do mesmo ano. A partir dessa data, os anúncios passaram a afirmar que o uso da *Emulsão de Scott* ajudaria no restabelecimento da saúde daqueles acometidos pela gripe espanhola, consolidando-se como um dos produtos explorados comercialmente durante a crise sanitária.

A mudança na abordagem da propaganda pode ser exemplificada pela mensagem publicitária: “Para restabelecimento da saúde da gripe hespanhola, toma-se EMULSÃO DE SCOTT.” (O NORTE, 28 nov. 1918, p. 2). Essa estratégia reflete um padrão recorrente nas campanhas publicitárias de medicamentos da época, que frequentemente adaptavam seu discurso para atender às demandas do momento, mesmo sem evidências científicas concretas de eficácia contra a doença. O fenômeno observado em *O Norte* dialoga com a análise de Soares Junior (2011):

É comum na transição da década de 1910 para 1920, encontrarmos em jornais e revisas da época anúncios de produtos com fórmulas reconhecidas cientificamente que recorriam a expressões indutoras ao almejado mundo das curas milagrosas, manipulando comercialmente uma fala que seduzia os leitores dos jornais. (Soares Junior, 2011. p. 69)

Durante a pandemia de gripe espanhola, a publicidade de medicamentos desempenhou um papel central na tentativa de oferecer soluções para a população assustada pela rápida disseminação da doença. Os anúncios veiculados nos jornais da época buscavam explorar a urgência e o desespero coletivo, promovendo produtos que, embora tivessem comprovação científica para outras finalidades, careciam de evidências concretas de eficácia contra a gripe espanhola. Esse fenômeno evidencia a interação entre ciência, mercado e imprensa, demonstrando como, em tempos de crise sanitária, a informação sobre tratamentos pode ser facilmente moldada por interesses comerciais.

Entretanto, não foram apenas os medicamentos convencionais que receberam ampla divulgação. Algumas farmácias e estabelecimentos comerciais adotaram estratégias publicitárias inusitadas, promovendo produtos pouco convencionais como alternativas para combater a doença. Um exemplo notável ocorreu em 10 de novembro de 1918, quando o jornal noticiou que a *Casa Andrade*<sup>44</sup>, sem fornecer muitos detalhes, havia fixado uma placa em sua entrada anunciando a venda de perfumes contra a influenza. Além disso, a farmácia declarou

<sup>43</sup> A Emulsão de Scott, antes da pandemia chegar e se intensificar, segundo propagandas, era recomendada para tratar anemia, tuberculose e escrúfula (O NORTE, 15 out. 1918, p. 3).

<sup>44</sup> A farmácia ficava localizada na Rua Marciel Pinheiros, n.º 52 (O NORTE, 10 nov. 1918, p. 1).

que realizaria uma grande liquidação, oferecendo todo o seu estoque desses perfumes a preço de custo.

Esse episódio ilustra como a incerteza científica sobre a gripe espanhola abriu espaço para uma série de tentativas, muitas vezes duvidosas, de apresentar produtos como medidas preventivas ou curativas. A associação de perfumes à proteção contra a influenza pode ter se baseado na crença difundida no período de que substâncias aromáticas possuíam propriedades desinfetantes. Essa ideia vinha de uma longa tradição na história da medicina, na qual indicava-se que doenças contagiosas eram transmitidas por odores venenosos ou gases nocivos (miasmas) transportados por correntes de ar ou formados a partir do solo, um conceito fortemente presente na teoria miasmática das doenças, que ainda influenciava parte da população no início do século XX (Rosenbaum, 2021).

A venda de perfumes como método de proteção contra a gripe espanhola reforça a percepção de que, durante pandemias, a necessidade de encontrar soluções imediatas leva à exploração comercial de produtos com pouca ou nenhuma comprovação científica<sup>45</sup>.

#### 4.3 Farmácias: Entre Assistência e Estratégias Comerciais

As farmácias, nesse contexto, desempenharam um papel crucial na crise sanitária, não apenas como pontos de venda de medicamentos, mas também como veículos de disseminação de narrativas que legitimavam certas soluções terapêuticas. Esse cenário evidencia a complexa relação entre saúde pública, imprensa e indústria farmacêutica, em um momento em que o medo da doença impulsionava a busca por qualquer alternativa de alívio, independentemente de sua real eficácia.

Uma das primeiras farmácias a desempenhar um papel ativo na situação, na cidade da Parahyba, foi a *Pharmacia Londres*<sup>46</sup>, administrada pelo farmacêutico Manoel Soares Londres<sup>47</sup>. O jornal *O Norte* registrou, em 12 de outubro de 1918, que o estabelecimento havia

---

<sup>45</sup> Esse fenômeno não se restringiu ao contexto da gripe de 1918, sendo possível estabelecer paralelos com a pandemia de Covid-19, na qual itens como sprays "antivírus" e outras substâncias de eficácia duvidosa foram amplamente promovidos como medidas preventivas. Assim, a análise das estratégias de mercado durante a pandemia da gripe espanhola revela como crises sanitárias tendem a estimular a proliferação de produtos apresentados como soluções milagrosas, muitas vezes impulsionados mais pela demanda e pelo medo da população do que por fundamentos científicos sólidos.

<sup>46</sup> A farmácia se localizava na Rua Maciel Pinheiro (O NORTE, 12 out. 1918, p. 3).

<sup>47</sup> Manoel Soares Londres, também conhecido como Sr. Nôzinho, se formou farmacêutico na Faculdade de Medicina e Pharmacia da Bahia nos anos de 1897. Em 1900, abriu a Pharmacia Londres com seu amigo chamado Luiz Batista. O estabelecimento ficou aberto por cerca de 40 anos. Manoel Londres tinha bastante conceito na sociedade da época, pois destacavam sua especialização no atendimento e sua bondade para com os pobres (Medeiros Filho, 2018).

permanecido aberto por mais de 10 horas no dia anterior, atendendo enfermos e orientando sobre medidas preventivas contra a gripe espanhola.

Esse relato evidencia como as farmácias não apenas vendiam remédios, mas também assumiam a função de aconselhar o público, muitas vezes baseadas em conhecimentos empíricos ou em práticas médicas pouco testadas. O mesmo jornal, em sua edição de 16 de outubro de 1918, destacou que as farmácias estavam sobrecarregadas, atendendo a uma alta demanda por medicamentos e emitindo receitas médicas para combater a influenza. O farmacêutico Manoel Londres, por exemplo, recomendava o uso do purgativo quinino e injeções de óleo canforado a cada quatro horas, dependendo da gravidade dos sintomas:

As pharmacias têm tido grandes trabalhos, vendendo medicamentos, e despachando receitas.

[...] Doentes hespanhola trate purgativo quinino. Cuidar coração. Caso desfalleça, injecções oleo camphorato de 4 em 4 horas conforme gravidade. (O NORTE, 16 out. 1918, p. 1)

A relevância das farmácias durante a pandemia foi reconhecida pelo poder público. No mesmo dia 16 de outubro, o então prefeito da cidade, Dr. Diógenes Penna, autorizou que todas as farmácias permanecessem abertas durante a noite, sem limitação de horário, que segundo *O Norte*, essa medida serviu para garantir que a população tivesse acesso aos medicamentos a qualquer momento.

A *Pharmacia Rabello* também se destacou na corrida pelos melhores medicamentos durante a pandemia de gripe espanhola. Diante do agravamento do estado sanitário da cidade, o estabelecimento reativou uma seção específica para o despacho de receitas, buscando atender à crescente demanda por tratamentos. Entre os medicamentos oferecidos pela farmácia, destacava-se a *Solução Anti-Grippae* e os *Comprimidos de Bromoferro*, os quais, segundo o periódico, estavam obtendo bons resultados no combate à doença. Além disso, a *Pharmacia Rabello* promovia como prevenção sua especialidade, a *Água Curativa Rabello*, recomendada em uma dose de três colheres de chá por dia.

#### Pharmacia Rabello

Em virtude do estado sanitario e a pedido de amigos e antigos fregueses, foi restaurada a secção de aviamento de receitas na antiga casa Rabello.

MEDICAMENTOS - Tem obtido bons resultados a applicação da SOLUÇÃO ANTI-GRIPPAE e os COMPRIMIDOS DE BROMOFERRO. Como preservativo usar a AGUA CURATIVA RABELLO na - doze de 3 colherinhas de chá por dia. (O NORTE, 16 out. 1918, p. 1)

Segundo Bueno & Taitelbaum (2008), o episódio reflete um fenômeno mais amplo no Brasil, do início do século XX, em que o acesso aos produtos das farmácias, boticas e drogarias era um privilégio restrito às classes mais abastadas. A maioria da população, desprovida dos recursos necessários para adquirir medicamentos industrializados, recorria a remédios caseiros, muitas vezes baseados em saberes populares transmitidos oralmente por curandeiros ou por tradição familiar.

Nesse contexto, as farmácias desempenhavam um papel duplo: além de preparar as receitas prescritas por médicos, também formulavam e vendiam produtos próprios, como águas medicinais, pomadas e artigos de higiene e beleza. Algumas dessas farmácias evoluíram, eventualmente transformando-se em laboratórios farmacêuticos ou pontos de distribuição de medicamentos prontos.

Esse movimento também impulsionou uma transformação significativa no mercado consumidor. O aumento da demanda por medicamentos industrializados levou as farmácias a investir pesadamente em estratégias de marketing, como a publicação de anúncios em jornais, a distribuição de almanaques e o uso de ilustrações chamativas nas embalagens dos produtos. Assim, a propaganda farmacêutica não apenas promovia a imagem de soluções milagrosas, mas também contribuía para a formação de um público consumidor fiel.

A *Água Curativa Rabello* se insere nesse cenário como um produto típico da época, combinando elementos da medicina tradicional e da sabedoria popular. Sua composição mesclava influências europeias, como o uso do eucalipto — amplamente empregado para tratar doenças respiratórias —, e ingredientes da flora nativa brasileira, como a corneíba (aroeira), conhecida por suas propriedades terapêuticas entre povos indígenas<sup>48</sup>. Desse modo, a *Pharmacia Rabello* não apenas buscava responder às necessidades sanitárias da população, mas também aproveitava a crise para posicionar seu produto como uma solução eficaz, ainda que sem qualquer comprovação científica para a prevenção ou cura da gripe espanhola.

Esse cenário dialoga com a análise de Cláudio Bertolli Filho (2009), que, em sua obra *A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918*, evidencia que:

[...] a lógica que dirigia o discurso propagandístico era ditada antes pela busca do lucro do que pela prevenção e cura dos gripados, daí a incorporação nos

---

<sup>48</sup> A *Água Curativa Rabello*, desenvolvida por Antônio José Rabello Júnior em 1889, na Cidade da Parahyba, configurava-se como um antisséptico de uso interno e externo, recomendado para uma ampla gama de finalidades terapêuticas. Produzida inicialmente em seu laboratório, localizado na Rua da Areia, no bairro do Varadouro, o produto era indicado para o tratamento de inflamações cutâneas, prevenção da gripe, combate a espinhas, queimaduras solares, limpeza de pele, cuidados pós-barba, arranhões e dores de garganta. A variedade de aplicações atribuídas à Água Curativa Rabello evidencia sua formulação e comercialização enquanto solução polivalente para distintas afecções. (Ramos de Oliveira, 2022)

anúncios tanto do ideário médico oficial quanto do da medicina popular, na expectativa de maximizar a venda dos produtos apresentados. (...) Poucas eram as drogas que tinham suas fórmulas ou, pelo menos, seus principais componentes declarados. O mesmo ocorria quanto à funcionalidade das mercadorias oferecidas, isto é, se elas agiam como preventivos, curativos ou se deveriam ser aplicadas no estágio em que o gripado já estivesse em convalescença (Bertolli, 2009, p. 110).

Ou seja, esse episódio exemplifica como a articulação entre o medo coletivo, as práticas comerciais e as estratégias de publicidade moldaram as experiências da população durante a pandemia, evidenciando que, diante da ausência de soluções médicas concretas, a esperança muitas vezes se ancorava em produtos que prometiam muito, mas entregavam pouco.

Ao analisarmos a dinâmica das propagandas de medicamentos durante a pandemia de gripe espanhola, é possível observar um fenômeno recorrente de ressignificação dos produtos farmacêuticos já existentes no mercado. Com base nas perspectivas de Soares Junior (2011) e Bertolli (2009), torna-se evidente que a *Água Curativa Rabello* seguiu um processo semelhante ao da *Emulsão de Scott* no que diz respeito à adaptação de suas campanhas publicitárias diante da emergência sanitária.

De fato, poucas foram as drogas ou produtos anunciados durante o período epidêmico que não circulavam previamente no mercado. O que se verificou, em larga escala, foi a reformulação discursiva das propagandas, de modo a alinhar os produtos às demandas impostas pela crise de saúde pública. Como apontam os autores, houve uma clara atualização das estratégias publicitárias, promovendo uma redefinição ou ampliação das propriedades terapêuticas dos medicamentos. Esse processo de readequação retórica visava a responder ao pânico coletivo, ao mesmo tempo, em que reforçava a credibilidade das marcas ao associá-las à ideia de proteção e cura.

A *Emulsão de Scott* citada acima, por exemplo, era tradicionalmente promovida como um remédio eficaz contra tuberculose e anemia (O NORTE, 15 out. 1918, p. 3). No entanto, com o avanço da pandemia, sua propaganda foi estrategicamente remodelada, destacando sua suposta eficácia no combate à gripe espanhola. Esse reposicionamento mercadológico baseava-se menos em comprovações científicas e mais na urgência em convencer o público de que o produto poderia, de alguma forma, oferecer alívio ou prevenção contra a doença.

Seguindo lógica semelhante, a *Água Curativa Rabello*, lançada como um remédio plurivalente, que serve para muitas enfermidades e ocasiões (Ramos de Oliveira, 2022), passou a ser apresentada como uma alternativa válida para a prevenção da gripe espanhola. A reconfiguração de suas propriedades terapêuticas, conforme noticiado pelo *O Norte*, sugeria que o produto era um bom preservativo contra a doença.

Esse movimento, contudo, não se sustentava em evidências científicas sólidas, mas sim em uma estratégia comercial que explorava a vulnerabilidade da população e a ausência de tratamentos médicos comprovados. Como ressalta Bertolli (2009), a lógica que guiava o discurso publicitário nesse período era predominantemente orientada pela busca do lucro, combinando elementos da medicina oficial e da medicina popular para maximizar as vendas. A ambiguidade nas informações sobre as fórmulas e funcionalidades dos produtos reforçava a confusão entre prevenção, cura e alívio dos sintomas, criando uma atmosfera onde a esperança coletiva frequentemente se apoiava em promessas vazias.

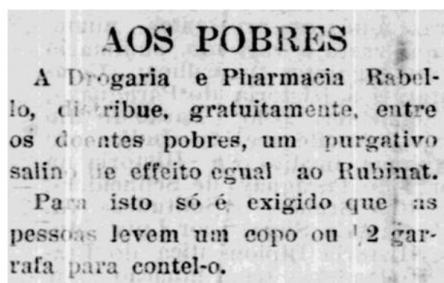
Em 17 de outubro de 1918, o jornal destacou o expressivo volume de pessoas que buscavam atendimento na *Pharmacia Londres*, ressaltando a dedicação do proprietário em atender a clientela em meio ao cenário de crise sanitária. Paralelamente, a *Pharmacia Rabello* também recebeu reconhecimento público, sendo apontada como um exemplo de humanidade. Em um gesto considerado altruísta, a farmácia decidiu distribuir gratuitamente aos doentes pobres um purgativo salino, cujo efeito era comparado ao do medicamento *Rubenti*<sup>49</sup>. A distribuição gratuita, contudo, exigia que os interessados levassem um copo ou duas garrafas para receber a medicação.

A manchete, intitulada “AOS POBRES”, passava a imagem da *Pharmacia Rabello* como uma instituição preocupada com o bem-estar público durante a pandemia. Segundo o periódico, tal gesto representava um ato de solidariedade, alinhando a farmácia não apenas ao discurso comercial, mas também à retórica da responsabilidade social. A estratégia, embora revestida de um tom humanitário, também reforçava a presença da marca no imaginário coletivo, contribuindo para sua legitimação enquanto um espaço de cuidado e confiança: “A pharmacia e Drogaria Rabello, num gesto humanitario, resolveu fornecer gratuitamente aos pobres purgantes salinos, conforme aunucio especial.” (O NORTE, 17 out. 1918, p. 1).

**Imagen 3:** Propaganda da ação social da *Pharmacia Rabello* em 1918.

---

<sup>49</sup> Medicação recomendada para aliviar sintomas de dor e espasmos abdominais, além de desconfortos e distúrbios intestinais. (Sitiniki, 2022. Disponível em: <<https://linq.com/fB07H>>)



Fonte: O NORTE, 17 out. 1918, p. 1. Hemeroteca Digital (memora.bn.br)

Assim, percebe-se que, ao mesmo tempo em que atendia a uma demanda social emergente, a *Pharmacia Rabello* consolidava sua reputação ao articular práticas assistenciais com estratégias de promoção comercial.

Nas páginas de propaganda do jornal analisadas por nós, evidenciamos o destaque dado a duas farmácias em particular: a *Pharmacia Rabello* e a *Pharmacia Londres*. Essas farmácias, além de utilizarem estratégias publicitárias para promover produtos e atendimento durante a pandemia de gripe espanhola, também se envolveram em iniciativas conjuntas de saúde pública. Com o agravamento da pandemia e o aumento expressivo do número de influenzados na cidade, as farmácias passaram a colaborar diretamente com a *repartição de hygiene*, refletindo uma articulação entre o setor privado e o poder público no enfrentamento da crise sanitária.

Em resposta à emergência de saúde, o jornal *O Norte* anunciou, em sua edição de 26 de outubro de 1918, que diversas farmácias se uniram para oferecer assistência médica gratuita aos indigentes acometidos pela gripe espanhola. Segundo a publicação, médicos e farmacêuticos, indicados pelo Dr. José Teixeira de Vasconcelos, diretor-geral de hygiene<sup>50</sup> da Paraíba, realizaram consultas e forneceram os medicamentos necessários sem qualquer custo para a população carente<sup>51</sup>. A manchete destacava:

Foram hontem medicados 32 indigentes atacados de <influenza hespanhola> pelos medicos e pharmaceuticos da repartição de hygiene, sendo-lhes fornecidos os respectivos medicamentos.

Os indigentes atacados de influenza hespanhola, poderão procurar os seguintes medicos e pharmaceuticos, que foram designados pelo sr. dr. Teixeira de Vasconcellos, director geral de hygiene, para fazerem a assistencia medica. (O NORTE, 26 out. 1918, p. 1)

<sup>50</sup> O cargo de Diretor de Higiene estava ligado à administração e implementação de políticas sanitárias, controle de doenças, vigilância epidemiológica e na promoção de assistência à saúde (Soares Júnior, 2011).

<sup>51</sup> Na edição do Dia 27 de Out. de 1918, fica evidente que tudo era custeado pelo Estado: “Até a presente data foram medicados pelos médicos e farmacêuticos da directoria de hygiene, 518 pessoas necessitadas, sendo as receitas, em número de 259 com 765 formulas, aviadas nas pharmacias desta capital por conta do Estado.” (O NORTE, 27 out. 1918, p. 1)

Essa colaboração entre farmácias e autoridades públicas foi amplamente divulgada no jornal, consolidando a imagem das farmácias como instituições comprometidas não apenas com o comércio de medicamentos, mas também com a saúde pública. A publicação listava semanalmente os médicos e farmacêuticos responsáveis pelo atendimento gratuito, com pequenas variações nos nomes ao longo dos dias, evidenciando a rotatividade dos profissionais e a continuidade do serviço, como pode ser observado no quadro abaixo:

**Quadro II:** Médicos e Farmacêuticos que atendiam os indigentes na Cidade da Parahyba  
(Outubro de 1918)

Nome	Local
Dr. Pequeno Azevedo	Manhã: <i>Pharmacia Confiança</i> na Rua Barão de Passagem. Tarde: <i>Pharmacia Rabello</i> na Rua Maciel Pinheiro.
Dr. Manoel Lemos	<i>Pharmacia Andrade</i> na Rua Maciel Pinheiro.
Dr. Ulysses Nunes	<i>Pharmacia Oliveira</i> na Rua Maciel Pinheiro.
Farmacêutico Alfredo iMonteiro	Manhã: 2 <sup>a</sup> Delegacia de Polícia. Tarde: <i>Pharmacia Londres</i> na Rua Maciel Pinheiro.
Farmacêutico A. Varandas de Carvalho	<i>Pharmacia das Mercês</i> na Rua Duque de Caxias.
Farmacêutico Edmundo Alverga	<i>Pharmacia Minerva</i> na Rua da República
Farmacêutico Assis e Silva	3 <sup>a</sup> Delegacia de Polícia em Tambiá

Fonte: Quadro elaborado por nós a partir das informações coletadas no jornal O Norte, Edição 3045 e

3047 p. 1

Essa aliança entre o setor privado e as autoridades sanitárias não deve ser interpretada unicamente como um gesto altruísta. Ao participar dessas iniciativas, as farmácias reforçavam sua imagem pública e fortaleciam a confiança dos consumidores, consolidando sua relevância no imaginário social. O discurso humanitário, portanto, era entrelaçado a estratégias de marketing, ampliando a visibilidade dessas casas comerciais em um momento de vulnerabilidade coletiva.

#### **4.4 O Poder da Cura (ou da Propaganda?): A Corrida por uma Solução**

A busca por medicamentos e receitas caseiras durante a crise sanitária causada pela *Influenza Hespanhola* revela não apenas o desespero da população diante da rápida disseminação da doença, mas também a necessidade urgente de soluções em tempos de pandemia. Liane Bertucci (2020), para a *BBC News Brasil*, destaca que “chega um momento em que as pessoas não querem mais saber se é alopatia ou homeopatia, elas querem é algo que cure”, envolvendo perfeitamente o estado de aflição vivido pela sociedade da época. Essa declaração ressalta como, em meio ao pânico generalizado, a distinção entre abordagens médicas se tornava irrelevante diante da urgência por qualquer tipo de alívio.

A chegada da pandemia em 1918 encontrou um cenário de grande vulnerabilidade sanitária, no qual a ausência de tratamentos eficazes e a velocidade com que a doença se espalhava impuseram desafios significativos não apenas para os cidadãos comuns, mas também para os governos, a imprensa e as farmácias. Diante da incerteza científica, cada um desses atores desempenhou um papel fundamental na formulação e disseminação de possíveis soluções, muitas vezes sem qualquer embasamento científico sólido. Nesse contexto, a mídia impressa, especialmente jornais como *O Norte*, desempenhou um papel crucial ao divulgar constantemente informações sobre tratamentos e, principalmente, ao promover uma ampla gama de produtos farmacêuticos que alegavam oferecer proteção ou cura contra a doença.

Essa intensa busca por soluções se manifestou de diversas formas. Por um lado, os discursos oficiais destacavam as ações do governo, apresentando as medidas sanitárias promovidas pelo Estado como a resposta mais eficaz à pandemia. Ao mesmo tempo, a própria população recorria a métodos informais e alternativos, seja por diversos motivos. Assim, remédios populares, receitas caseiras e até mesmo a distribuição gratuita de purgantes, como promovida pela *Pharmacia Rabello*, tornaram-se parte do repertório de enfrentamento da doença.

Entretanto, a proliferação de tratamentos improvisados também evidencia um fenômeno recorrente em momentos de crise sanitária: o predomínio da esperança sobre a eficácia comprovada. Em meio ao desespero, a necessidade de acreditar em uma solução imediata muitas vezes se sobrepõe às considerações científicas. Esse padrão, observado durante a pandemia de 1918, ecoa em crises sanitárias contemporâneas, demonstrando como o comportamento social frente ao medo e à incerteza permanece semelhante ao longo do tempo.

Dessa forma, ao analisar as estratégias de enfrentamento da *Influenza Hespanhola*, torna-se evidente que a pandemia não foi apenas um evento biológico, mas também um fenômeno social e cultural, no qual os discursos médicos, as práticas populares e a atuação da imprensa se entrelaçaram para moldar as formas de lidar com a doença. A busca por uma cura,

mesmo que ilusória, revelou muito sobre as dinâmicas sociais da época, reafirmando o papel fundamental da comunicação, da propaganda e da medicina – seja ela científica ou empírica – na construção das respostas a grandes crises sanitárias.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Influenza Espanhola em 1918 foi um dos eventos mais devastadores da história moderna, deixando marcas profundas em todo o mundo, incluindo o Brasil. Este trabalho buscou investigar o impacto dessa pandemia e suas formas de curar na Cidade da Parahyba (atual João Pessoa), utilizando como fonte principal o jornal *O Norte*, um dos veículos de maior circulação na época. A análise concentrou-se nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1918, período em que a doença atingiu seu auge na região. A relevância do tema reside na capacidade de compreender como crises sanitárias de grande escala, como a Gripe Espanhola, moldam as dinâmicas sociais, culturais e políticas de uma época, ecoando em desafios contemporâneos como a pandemia de COVID-19.

Ao longo dos capítulos, o trabalho buscou cumprir seu objetivo geral de investigar e analisar o impacto da pandemia da *Influenza Hespanhola* na cidade da Parahyba. O primeiro capítulo contextualizou a chegada da gripe espanhola ao Brasil, destacando a atuação do navio Demerara como provável vetor de disseminação e como as autoridades iniciais tentaram minimizar a gravidade da doença em outras capitais. No segundo capítulo, analisou-se como *O Norte* noticiou e descreveu a chegada e o desenrolar da pandemia na Parahyba, incluindo os relatos sobre os primeiros casos, as medidas preventivas adotadas e as reações da comunidade. O terceiro capítulo aprofundou a investigação sobre as formas de curar e os tratamentos recomendados pela imprensa, abordando desde métodos populares até intervenções médicas e farmacêuticas disponíveis na época.

A análise do *O Norte* revelou uma postura inicial de minimização da gravidade da Gripe Espanhola na Cidade da Parahyba. O periódico, alinhado à narrativa oficial do governo de Camillo de Hollanda, classificava frequentemente a doença como "benigna" ou "influenza paraibana", apesar do aumento contínuo de casos e do impacto no cotidiano urbano, com estabelecimentos fechados e êxodo populacional. Essa abordagem refletia a relação entre a imprensa e o poder público, na qual o jornal exerceu um papel político, construindo uma imagem positiva de suas ações, elogiando constantemente medidas governamentais, mesmo que a realidade nos bairros mais vulneráveis refutasse o discurso de controle da epidemia. A cobertura destacou a disparidade do impacto da doença entre o centro da capital e as áreas periféricas, onde a persistência de casos e a alta mortalidade eram evidentes devido à carência de recursos e condições de higiene.

O periódico veiculou uma diversidade de informações sobre as formas de cura e tratamentos para a *Influenza Hespanhola*, evidenciando a busca incessante por soluções em um

cenário de incerteza científica. Remédios populares foram amplamente adotados pela população, enquanto a imprensa e as autoridades sanitárias promoviam medicamentos como o quinino, elevando-o à condição de "santo remédio" contra a gripe. As farmácias desempenharam um papel crucial, não apenas na venda de medicamentos manipulados e industrializados, mas também no aconselhamento ao público e na distribuição gratuita de purgantes para indigentes, em colaboração com as autoridades de saúde. Essa complexa interação entre conhecimento científico limitado, saberes populares e a atuação da imprensa moldou a resposta da sociedade à pandemia.

A jornada do jornal *O Norte* ao longo da pandemia revela uma evolução na sua abordagem. Inicialmente focada em minimizar a gravidade da doença na capital e exaltar as ações do governo, a cobertura gradualmente expandiu-se para reconhecer o avanço da gripe no interior do estado, ainda que de forma esporádica e com foco na recuperação da capital. A mudança de manchetes, de "Influenza Hespanhola" para "Saúde Pública" em novembro, simbolizou a tentativa do jornal de transmitir uma sensação de retorno à normalidade, celebrando a eficácia das medidas governamentais e a "vigilância" das autoridades. Essa postura editorial demonstrou como a imprensa não apenas relatava os acontecimentos, mas também os interpretava e moldava a percepção pública, reforçando a imagem de um governo proativo e cuidadoso, mesmo diante das limitações e críticas de outros periódicos.

Nosso trabalho contribui para o campo da História da Saúde e das Doenças ao apontar as dinâmicas sociais e culturais da Paraíba durante a Gripe Espanhola de 1918, a partir de uma fonte primária. Ao analisar as representações da doença, das curas e das ações governamentais, a pesquisa oferece uma perspectiva sobre como uma crise sanitária foi vivenciada e comunicada em um período de grande incerteza. Como limitação, destaca-se o foco em um único jornal, o que pode ser expandido em futuras pesquisas com a análise de outros periódicos, como *A União* e *A Imprensa*, para contrastar visões e aprofundar o entendimento das dinâmicas políticas e sociais da época.

Para futuras pesquisas, sugere-se a ampliação do corpus documental, como investigar outras mídias e fontes, como relatórios médicos, registros hospitalares, panfletos ou cartazes de saúde pública, como também, explorar memórias orais ou escritas de sobreviventes, caso existam, para compreender a amplitude da comunicação e das estratégias de enfrentamento da *Influenza Hespanhola* não só nos últimos meses de 1918, mas até o fim da pandemia, datada em 1920.

Este estudo abre caminho para reflexões sobre como crises sanitárias são representadas e enfrentadas, mostrando que, mais de um século depois, muitos desafios permanecem semelhantes, como a busca por respostas eficazes e o papel da comunicação em meio ao caos.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

A Noite, Rio de Janeiro. 1918. Hemeroteca Digital, Coleções Digitais de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

A Província, Recife. 1918. Hemeroteca Digital, Coleções Digitais de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

A Tarde, Salvador. 1918. Arquivo e Biblioteca Pública da Bahia. Disponível em: <<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=1359617>>

A União. Paraíba. 1917. Arquivo Digital. Disponível em <[https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy\\_of\\_jornal-a-uniao/decada-de-1910/1917](https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/decada-de-1910/1917)>

Diário de Pernambuco, Recife. 1918. Hemeroteca Digital, Coleções Digitais de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

O Estado de São Paulo. São Paulo. 1918. Acervo do Jornal O Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/acervo/>>

O Norte. Paraíba. 1918. Hemeroteca Digital, Coleções Digitais de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

### Bibliografia

ARAUJO, Fátima. **Paraíba: Imprensa e Vida: Jornalismo Impresso - 1816 a 1984**. João Pessoa: Editora Jornal da Paraíba S/A, 1986. 406 p

ARAÚJO, Silvera Vieira de. **Entre o poder e a ciência: história das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, [S. l.], 2016.

BARRY, John. **A Grande Gripe: A História da Gripe Espanhola, a Pandemia Mais Mortal de Todos os Tempos**. São Paulo: Intrínseca, 2020. 608 p.

BERTOLLI , Cláudio. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918**. 1. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2009. 393 p.

BERTUCCI, Liane Maria. A gripe espanhola em imagens e versos publicados nos jornais diários. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo Do; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **Uma História Brasileira das Doenças**. 1. ed. São Paulo: Fino Traço Editora, 2016. v. 6, cap. 8, p. 179-195.

BISERRA, Ingrid Karla Cruz. **"Conselhos e instruções a ti, professor": a imprensa pedagógica da Paraíba como lugar de atuação e formação docente em torno das ideias renovadoras (1919-1942)**. Orientador: Jean Carlo de Carvalho Costa. 2019. 322 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal da Paraíba, [S. l.], 2019.

BUENO, Eduardo; TAITELBAUM, Paula. Atchim! É a Gripe Espanhola. In: BUENO, Eduardo *et al.* **Vendendo Saúde**: história da propaganda de medicamentos no Brasil. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008. cap. 3, p. 44-57.

CARVALHO, Diana Maul de. História das Doenças e epidemiologia: encontros e desencontros. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo Do; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **Uma História Brasileira das Doenças**. 1. ed. São Paulo: Fino Traço Editora, 2016. v. 6, cap. 1, p. 23-52.

CHARTIER, Roger. **História Cultural** – Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

CHENG, King Fai. **What happened in China during the 1918 influenza pandemic?** International Journal of Infectious Diseases. v. 11, p. 360-364. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1201971207000355>> Acesso em: 08/10/2024.

CROSBY, Alfred W. **America's Forgotten Pandemic**: The Influenza of 1918. 2. ed. Cambridge University Press. Cambridge, 2003. 337 p.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FERREIRA, Flávia da Costa. **Tratamentos Naturais**: Óleo de ricino. 2023. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/ricino/>> Acesso em: 26/08/2024.

FILHO, João Medeiros. **O Respeitável Seu Nôzinho** - Crônicas Terapêuticas. 2018. Disponível em: <<https://crmpb.org.br/programas/humanizacao/historico-cronicas-terapeuticas/o-respeitavel-seu-nozinho>>. Acesso em: 14/12/2024.

Fundação Joaquim Nabuco – **Great Western**. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/noticia/servlet/newsstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=306&textCode=833&date=currentDate>> Acesso em: 10/11/2024.

**Instituto Brasileiro da Cachaça**. Disponível em: <<https://ibrac.net/curiosidades>>. Acesso em: 09/01/2025.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

**Museu da Vida - Fiocruz**. Disponível em: <<https://enqr.pw/gL1xx>> Acesso em: 26/10/2024.

NASCIMENTO, D. R. A Doença como Objeto da História. In.: **As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 25- 44. História e saúde collection

NETO, Martinho Guedes dos Santos; SANTOS, Shslayder Lira dos. **Elites políticas e partidárias na Paraíba do século XX: subsídios teóricos e metodológicos – encaminhamentos introdutórios de pesquisa**. ANPUH-CE, [s. l.], 2017. Disponível em:

[https://www.uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos\\_completos/298-31265-04052017-202638.pdf](https://www.uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos_completos/298-31265-04052017-202638.pdf). Acesso em: 22 out. 2024.

ODILON, Marcus. **Camilo de Holanda**: médico, militar e político. João Pessoa: Papel e Pano. 2001

OLIVEIRA, Ana Beatriz Ramos de. **Água Rabello, a maravilha brasileira**: comércio e propaganda de uma água curativa (1902-1940). 2022. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

OXFORD, John. **The so-called Great Spanish Influenza Pandemic of 1918 may have originated in France in 1916-1917**. The Royal Society. London, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. [S. l.]: Autêntica, 2003.

PROST, Antoine. **War Losses**. 1914-1918-online. International Encyclopedia Of The First World War. Freie Universität Berlin. Berlin, 2014.

ROSENBAUM, PAULO. **Miasmas** - Saúde e Enfermidade na Prática Clínica Homeopática. São Paulo: ORGANON, 2021. 440 p.

SANTOS, Idelette. Dicionário Literário da Paraíba. João Pessoa: A União, 1994. - BARBOSA, Socorro Pacífico. **Pequeno Dicionário dos Escritores**: Jornalistas da Paraíba do Século XIX. João Pessoa: Editora UFPB, 2009.  
[https://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/pequeno\\_d.pdf](https://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/pequeno_d.pdf) Acesso em: 05/11/2024

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **A Bailarina da Morte**: A gripe Espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; NASCIMENTO, Dilene Raimundo Do. Epidemias do século XX: gripe espanhola e aids. In: HOCHMAN, Gilberto; PIMENTA, Tânia Salgado; TEIXEIRA, Luiz Antonio. **História da Saúde no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2018. cap. 7, p. 284-327.

SITINIKI, Rafaela Sarturi. **Consulta Remédios**. 2022. Disponível em: <<https://consultaremedios.com.br/>> Acesso em: 26 de ago. 2024.

SOARES JUNIOR , Azemar dos Santos. Os cheiros da cidade e a modelação dos sentidos. In: SOARES JUNIOR , Azemar dos Santos. **Corpos hígidos**: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924). 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, [S. l.], 2011.